

## *Viver integralmente como Filha da Caridade hoje*

Padre Robert P. MALONEY

*Superior Geral*

Paris, Casa Mãe, 1º de janeiro de 2003

No início de um novo ano, apraz-me sonhar, às vezes com outros, sonhos que ampliem nossos horizontes e sejam também realizáveis e realistas. Hoje, poderíamos perguntar-nos, por exemplo, o que será a Companhia das Filhas da Caridade em 2010? As missões criadas ao longo destes últimos anos estarão solidamente implantadas, com vocações autóctones e programas de formação bem desenvolvidos? Haverá novas missões entre os mais pobres da África, da Ásia e das Ilhas do Pacífico? A Companhia terá concebido meios criativos para o serviço dos doentes, refugiados, mulheres abandonadas e crianças? A Família Vicentina continuará crescendo no mundo inteiro? Nossos grupos de jovens continuarão a expandir-se e MISEVI terá implantado outras missões leigas além das já existentes em Honduras, Bolívia, Moçambique e Espanha?

Poderíamos sonhar com todas estas coisas, hoje. Mas, nesta manhã prefiro seguir outro caminho voltado mais diretamente para vocês, como pessoas e como servas dos pobres. A questão básica que desejo refletir hoje com vocês— extremamente importante — é esta: O que mais as ajudará a viver e servir bem, nos próximos anos, em toda parte para onde forem chamadas? Se pudermos chegar juntos a conclusões concretas sobre este tema, então certamente, teremos lançado sólidos fundamentos para sonhar o futuro.

Intitulo estas reflexões: **“Viver integralmente como Filha da Caridade hoje”**.

## QUALIDADES HUMANAS

Uma serva dos Pobres necessita de muitas qualidades humanas, entre as quais algumas requerem um equilíbrio sutil de **sentidos** opostos mobilidade/estabilidade, iniciativa/obediência, escuta/urgência, animação **/liderança**, simplicidade/prudência, flexibilidade/firmeza, serviço/poder, humildade/criatividade, espontaneidade/planificação. Permitam-me falar-lhes brevemente de duas destas qualidades de serva.

1. Embora estável no seu compromisso com a missão, a serva é disponível, cheia de zelo ardente para servir os pobres aonde quer que seja enviada.

A Igreja fez sua opção preferencial pelos pobres. A Companhia também. Isto quer dizer que quando surgem novas necessidades dos pobres, as Filhas da Caridade devem estar prontas para se deslocar para onde surgem novas necessidades.. Seu amor deve ser comunicativo como o fogo. Vocês devem responder aos gritos dos pobres lá onde quer que eles se façam ouvir.

A mobilidade é verdadeiramente importante, especialmente neste início do século XXI. Devido aos rápidos meios de transportes e de comunicações, o mundo está cada vez menor, e a Companhia das Filhas da Caridade cada vez mais internacional. Basta olhar o grupo que está hoje, aqui. Nesta sala, há muitas nacionalidades com mentalidades, experiências e formas de servir muito diversificadas.. Nossas línguas maternas diferem, bem como nossas origens e culturas nacionais. Um dos grandes desafios para o futuro é ter uma forte compreensão da própria identidade, um compromisso firme com a Companhia e um amor constante pelos valores principais que estão no próprio coração do carisma vicentino. Ao mesmo tempo, a vocação as desafia a terem mobilidade no serviço, uma visão global do mundo e a trabalhar em harmonia com aqueles e aquelas que têm idiomas, culturas e origens diferentes.

2. Embora firme na fé, a serva é flexível.

Aqui enfatizamos a mentalidade flexível no serviço. Em nossa época de mudanças rápidas numa sociedade complexa, a rigidez é uma inimiga e a flexibilidade, uma aliada. Por exemplo, desde o Vaticano II uma das mudanças mais significativas operadas na Igreja é o papel dos leigos. Hoje, estamos mais conscientes do que nunca de que os leigos têm uma função essencial na Igreja<sup>1</sup>. Por esta razão as Constituições da Companhia<sup>2</sup> lhes pedem que colaborem com aqueles que trabalham de acordo com as diretrizes da Igreja, na promoção dos direitos humanos. Somos compreensíveis para aceitar o importante papel dos leigos no serviço? Vocês são flexíveis para cooperar harmoniosamente com eles?

---

<sup>1</sup> Christefedelis Laici, 2

<sup>2</sup> C. 2, 9

Hoje também, a formulação dos projetos comunitários<sup>3</sup> exige uma mentalidade flexível. É crucial que em suas comunidade locais haja flexibilidade para viver e trabalhar como Irmãs que têm perspectivas diferentes. São exigidas muitas concessões mútuas quando vocês dialogam e decidem vossos projetos comunitários.

## QUALIDADES ESPIRITUAIS

### 1. A serva escuta

Uma serva não busca sua própria vontade, mas a vontade de quem a envia. Está disposta a responder às necessidades do povo de Deus e da Companhia. Os apelos do povo de Deus e da Companhia são muitas vezes sutis. É importante que cada Filha da Caridade se deixe interpelar por eles.

Muitas vezes a resposta ao apelo para partir de um lugar para outro faz surgir em nós recursos com os quais jamais havíamos sonhado; não só servimos aos que clamam pedindo ajuda, mas também crescemos nesse processo. Quais são os apelos mais gritantes vindos das pessoas que vocês servem? Eu estou convencido de que a escuta é o fundamento de toda espiritualidade. Somos ouvintes da palavra: a Palavra de Deus, as palavras dos Pobres, as palavras de cada membro da comunidade, as palavras da Igreja. Devemos deixar estas palavras nos transformarem.

### 2. A serva é uma mulher de Deus.

O testemunho é mais eloqüente do que as palavras. Nossas vidas, inevitavelmente dizem muito mais do que nossos sermões.

Para Vicente de Paulo, Cristo é a Regra das Filhas da Caridade<sup>4</sup>, centro de sua vida e de suas atividades. *“Lembraí-vos, Padre”,* escreve ao Padre Portail, primeiro Diretor Geral da Companhia *“que vivemos em Jesus Cristo pela morte de Jesus Cristo, e que devemos morrer em Jesus Cristo pela vida de Jesus Cristo, e que nossa vida deve ser oculta em Jesus Cristo e cheia de Jesus Cristo, e que, para morrer como Jesus Cristo, é preciso viver como Jesus Cristo”*<sup>5</sup>. Vicente nos avisa que só encontraremos a autêntica liberdade quando nos deixamos possuir por Jesus Cristo.

---

<sup>3</sup> C. 3. 46, E. 57

<sup>4</sup> C. 1. 5

<sup>5</sup> São Vicente de Paulo I, 295

Hoje, como em toda época, a Igreja necessita de servas que sejam simples, humildes, cheias de amor efetivo. Necessita de testemunhos que irradiem a presença de Deus.

As Constituições lhes pedem reunir-se fielmente, cada dia, para a Eucaristia. Convidam-nas também a celebrar juntas a liturgia de Laudes e Vésperas. Mas permitam-me, segundo o espírito de São Vicente, insistir hoje, sobre a importância da oração cotidiana como um meio de crescer na vida de Deus. Não é fácil cumprir assiduamente este compromisso tendo um programa tão carregado de serva dos Pobres. Mas este compromisso é fundamental para a própria vida na Companhia. Sejam decididas a encontrar diariamente tempo e lugar, onde, com suas Irmãs, poderão fechar a porta ao ruído do mundo, escutar o Senhor e falar com ele na simplicidade.

Ensinem também os outros a rezar, especialmente os jovens. Num documento escrito há um ano e meio, o Papa João Paulo II declara: *“As nossas comunidades, amados irmãos e irmãs, devem tornar-se autênticas « escolas » de oração, onde o encontro com Cristo não se exprima apenas em pedidos de ajuda, mas também em ação de graças, louvor, adoração, contemplação, escuta, afetos de alma, até se chegar a um coração verdadeiramente “apaixonado”. Uma oração intensa, que todavia não nos afaste do engajamento com a história: ao abrir o coração ao amor de Deus, a oração abre-o também ao amor dos irmãos, tornando-nos capazes de construir a história segundo o desígnio de Deus”*<sup>6</sup>.

## QUALIDADES APOSTÓLICAS VICENTINAS

### 1. A serva é criativa no serviço.

São Vicente nos diz: *“O amor é inventivo até o infinito”*<sup>7</sup>. Ao longo dos anos, pude admirar a iniciativa de numerosas Filhas da Caridade. Por viverem em contato diário com os Pobres, são vocês as primeiras a conhecer suas verdadeiras necessidades. São vocês e não eu, sentado aqui em meu bureau em Roma ou em visita às Províncias. Não são também os sociólogos ou os economistas que estudam as necessidades dos Pobres examinando os dados que recebem. Vocês, que estão na linha de frente, é que conhecem as necessidades dos pobres antes de nós, porque os Pobres lhes falam diretamente. Animo-as todas a serem inventivas para responder as necessidades que descobrem. Façam com freqüência, individualmente e com a comunidade local as seguintes perguntas: O que nos pede concretamente este Pobre? Qual é a necessidade mais profunda da criança que escuta minha aula de catecismo? Qual é o grito dos enfermos que estão em suas casas? Qual a dor mais profunda do refugiado ou do

---

<sup>6</sup> *Novo Millennio Ineunte*, 33

<sup>7</sup> *São Vicente de Paulo*, IX, 146

paciente de AIDS? Então, sejam inventivas em seu serviço para atender as suas necessidades.

## 2. Ela canta um canto de libertação

Sejam portadoras da Boa Noval! Levem o espírito do Senhor com vocês, aonde quer que vão. Na presença de uma alma plena do Espírito de Deus, as pessoas recobram o ânimo. Sonham novos sonhos e vêem tudo com um novo olhar. O Espírito do Senhor inspira algo novo em seus corações. Elas começam a escutar as vozes profundas da realidade. Começam a entrever novos céus e uma nova terra. Libertam-se pouco a pouco dos laços interiores que as retinham cativas e tornam-se apaixonadas e prontas a dar suas vidas com uma nova e profunda generosidade.

Cantem este canto de libertação com os outros. Construam uma comunidade de fé ativa e dinâmica. Formem grupos de jovens. Respirem e inspirem o Espírito de Deus em união com outros. Sejam “agentes multiplicadores” do Espírito de Deus, seus embaixadores. Transmitam generosamente aos outros os dons do Espírito que vocês receberam.

Quando os outros tiverem medo de olhar para o futuro, infundam neles o Espírito do Senhor. Digam-lhes como Jesus nos diz sem cessar: não temam quando o caos desorganiza a ordem das coisas estabelecidas: a criação surgiu do caos. Não temam os altos e baixos da história: Eu sou o Senhor da História. Não temam se no seu meio o número de crentes diminui: eu posso fazer surgir uma multidão a partir de um pequeno resto de fiéis. Não temam quando a morte se aproxima: eu venci a morte. Não temam, pois estou com vocês. Eu sou a luz no meio das trevas. Sou a alegria em meio à dor. Sou a esperança no desespero. Sou o vivo no meio de vocês e vim para que tenham liberdade.

## QUALIDADES COMUNITÁRIAS

### 1. Seu compromisso é comunitário

O artigo 2. 20 das Constituições descreve assim esta característica do serviço de uma Filha da Caridade: *“Cada Irmã... sente-se responsável em contribuir com todos os recursos de sua personalidade para a missão comum”*. Em todas as obras da Companhia vocês devem colaborar estreitamente como equipe e apoiar-se mutuamente numa vida comum fecunda. Em nossos dias, um tema de crucial importância para o futuro da Companhia é a criação de comunidades profundamente espirituais, profundamente humanas, profundamente apostólicas.

Hoje falamos da necessidade de “entendimento”, de “construir comunidade”, de formar comunidades “intencionais” cujos membros digam “sim” aos pedidos da responsável ao mesmo tempo em que a ajudam a

formulá-los. Construir uma tal comunidade requer tempo, energia, participação e um assumir responsável. Se no passado, a maioria das estruturas comunitárias era institucionalizada e vocês chamadas a enquadrar-se dentro delas, hoje, vocês devem enfrentar o desafio de criar estruturas comunitárias locais que as ajudem a viver juntas *“amando-se e respeitando-se como Irmãs que Nosso Senhor reuniu para o seu serviço”*<sup>8</sup>.

## 2. A serva criará uma cultura da vocação

Algumas de vocês aqui presentes cresceram no seio de uma cultura da vocação em seus países de origem, porém, para a maioria, isto passou sem ser analisado como um fenômeno cultural. Podemos contribuir para recriar uma cultura da vocação em toda parte onde está a Companhia?

Quais são os elementos desta cultura? Em outras palavras, se uma jovem cresce numa cultura da vocação, o que orienta a sua escolha para tornar-se Filha da Caridade? Sugiro seis elementos:

- Uma imagem positiva das Irmãs, de sua vida em comum, de sua oração, de seus serviços. Este elemento está em suas mãos:
- Uma imagem positiva da vida consagrada. Este elemento não depende totalmente de vocês, mas podem influir nele.
- Apoio das vocações numa comunidade de fé, onde, naturalmente, a família da jovem tem uma importância especial neste sentido; mas o apoio pode vir também do colégio ou dos grupos de jovens na paróquia. Vocês podem ajudar a criar estas comunidades. Podem também envolver os pais na pastoral vocacional.
- Contato pessoal com modelos eloqüentes e alguns meios concretos de experimentar a vida, a oração e o serviço na Companhia. Isso depende de vocês, especialmente se suas casas são acolhedoras, onde os jovens podem ir a vocês e estar com as Irmãs, rezar com elas e partilhar de suas atividades.
- Convites implícitos e explícitos, “vinde e vede”, como diz o Evangelho de João<sup>9</sup>. Tais convites devem ser gradativamente seguidos de um acompanhamento pessoal e vocacional.
- Rezar pelas vocações. Jesus diz expressamente: *“Rogai ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe”*<sup>10</sup>. Isso também está a seu alcance. Vocês podem rezar e podem convidar os pais e os jovens para rezar pelas vocações e a vida consagrada.

---

<sup>8</sup> *Regras das Filhas da Caridade*, V, 1

<sup>9</sup> Jo. 1, 39.

<sup>10</sup> Mt. 9, 38; Lc. 10, 2.

## QUALIDADES DA FORMAÇÃO PERMANENTE

### 1. A serva está em contínua formação..

Cada uma de vocês deve continuar buscando com criatividade, meios de formação contínua, integral. Esta formação integral compreende vários aspectos: humano, espiritual, apostólico, vicentino, bíblico, teológico, profissional. Em todos os níveis, somos nós mesmos, os primeiros responsáveis por nossa formação.

Desejo animar todas as Irmãs da Companhia a estarem mui particularmente atentas à formação das Irmãs nos primeiros anos, não somente antes, mas após os votos. Deve-se reuni-las com frequência para partilhar suas experiências; oferecer-lhes assessores sábios e experimentados que as ajudem a adquirir sólidas bases espirituais e enraizamento em Deus. Só deste modo continuarão com entusiasmo e perseverança no serviço dos Pobres.

### 2. Esforçam-se para aprender a língua e a cultura daqueles a quem são chamadas a servir.

São Vicente de Paulo sentia profundamente a necessidade de aprender outras línguas. Dizia aos co-irmãos<sup>11</sup>:

"Ora, a diversidade das línguas é muito grande, não só na Europa, África e Ásia, mas mesmo no Canadá, porque vemos nos informativos dos Padres Jesuítas, que há tantas línguas quanto países. Os Hurons não falam como os Iroqueses, nem estes como os seus vizinhos; e quem entende uns, não entende os outros.

Como poderão os missionários, com esta diferença de linguagem, ir por todo o mundo anunciar o Evangelho, se só sabem sua própria língua?

Hoje, uma serva dos Pobres necessita com frequência aprender vários idiomas, não só para as missões estrangeiras, mas também nos lugares de imigração maciça em vossos próprios países. Animo-as a aprender bem os idiomas das pessoas a quem vocês servem. Eles as apreciarão mais pelos esforços que fazem do que pela perfeição com que dominam os detalhes de seu idioma.

A questão da inculturação está muito relacionada com a língua. Sempre existe o perigo de que as idéias, os costumes, inclusive o estilo das construções do próprio país sejam transplantados para outro. Os grandes missionários de nossa Família Vicentina como Justino de Jacobis, reconheceram que no início isto era insuficiente. O Evangelho

---

<sup>11</sup> *São Vicente de Paulo, Coste XII, 26-27.*

deve enraizar-se e crescer nos valores mais profundos de cada cultura, transformar o que não é de Deus e que viola a dignidade da pessoa humana.

A verdadeira inculturação supõe muito diálogo, se quisermos compreender os valores mais profundos que constituem os fundamentos de outras culturas. Além disso, na maior parte do mundo, o escândalo de um cristianismo dividido é trágico e o diálogo é essencial. No diálogo, sublinhou o Papa Paulo VI, antes de falar é necessário escutar não só a voz dos outros, mas seus corações e depois falar-lhes com espírito de amizade e de serviço<sup>12</sup>.

Eis, na minha opinião, algumas das qualidades essenciais para todos os membros da Companhia. Serva dos Pobres : é este o vosso nome.. Queridas Irmãs, respirem profundamente o espírito que São Vicente e Santa Luísa inspiraram à Companhia. Deixem que encha suas mentes e seus corações! E, como disse Jesus no Evangelho de Lucas, ao enviar os 72 discípulos: *“Ide! Eis que eu vos envio... curai os enfermos... e dizei ao povo: ‘O Reino de Deus está próximo de vós’*”.

Padre Robert P. MALONEY, c.m.  
*Superior Geral*

### *Vida da Companhia*

## ***Circular de Mère Juana Elizondo***

*(Natal de 2002)*

A todas as Filhas da Caridade

---

<sup>12</sup> *Ecclesiam Suam*, 90



Paris, 25 de dezembro de 2002

Minhas queridas Irmãs,

A Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Como de costume, neste período vão chegando os Votos de Natal e de Ano Novo. Esta partilha de bons desejos, que confiamos ao Senhor pelas mãos de Maria, nos une de uma maneira especial nestas festas.

Cada carta mereceria uma resposta pessoal, mas, diante da impossibilidade de fazê-la, asseguro-lhes que suas comunicações, desejos, penas e alegrias ocupam um lugar especial em minha oração. Li com muito prazer dando graças ao Senhor, a descrição detalhada dos serviços que prestam com alegria ao Senhor nos Pobres. Cada dia podemos constatar que Ele conta conosco para irmos aos lugares mais isolados do mundo. Para Ele não há lugares desconhecidos nem pessoas anônimas como podemos constatar freqüentemente. Pude verificar isto nas duas novas missões, Chade e Quênia, abertas oficialmente no corrente ano de 2002. Observei com que facilidade o espírito vicentino cria raízes lá, onde há pessoas necessitadas e outras dispostas a servi-las.

O ano de 2002 foi particularmente marcado pelas Assembléias Provinciais. Julgando pelos ecos e frutos que nos são relacionados, elas foram tempos fortes de reflexão, de partilha, de vida fraterna em comum e de tomada de decisões importantes no sentido da revitalização da Companhia, graças à contribuição de todas. A partir dos pedidos e proposições, preparamos a Assembléia de 2003, com tempos de trabalho intenso para as comissões designadas e para o Conselho Geral. Na realidade, a preparação da Assembléia Geral concerne a todas. Nada poderíamos fazer sem a intervenção do Espírito Santo, razão pela qual todas as Comunidades rezam a Seqüência de Pentecostes, em um determinado momento do dia. Sei também, que podemos contar com a preciosa contribuição de nossas Irmãs idosas e doentes que, dispendo de mais tempo, o consagram de boa vontade a esta missão.

Este ano tem sido rico em encontros internacionais, na Casa Mãe. Além dos Retiros habituais, uma parte significativa da Companhia passou por aqui, participando da Sessão Vicentina habitual, da Sessão dos Assessores da Família Vicentina e do Encontro das Irmãs que há anos levam uma vida missionária, acompanhadas de Irmãs autóctones dos países onde trabalham.

Estes encontros reforçaram as relações, suscitaram a fraternidade e contribuíram para a unidade na Companhia. Os Ecos as colocarão a par dos acontecimentos mais importantes que ocorreram.

No dia 7 de novembro de 2002, recebemos também a notícia tão esperada de mais um passo no processo de beatificação de Irmã Rosalie Rendu. A Equipe de Médicos da Congregação para as Causas dos Santos deu o "parecer favorável", 5/5 a uma cura obtida por intercessão de Irmã Rosalie, como "*extremamente rápida, completa, durável e cientificamente inexplicável*". A Irmã que foi beneficiada com a graça da cura vive ainda. Recebeu a notícia com alegria, mas sem espanto: "*Eu já sabia*", disse ela. Os passos seguintes serão a aprovação do exame que os Teólogos, os Cardeais farão e a decisão do Santo Padre. Esperamos que o ano de 2003 seja agraciado com a beatificação de Irmã Rosalie Rendu, admirável exemplo de Filha da Caridade totalmente doada aos Pobres.

No encontro que teremos diante do presépio de Belém, juntas, vamos pedir a Jesus para o ano 2003, o imenso dom da Paz para o mundo, para nossas comunidades, para cada uma de nós e, de uma maneira especial, para o país que O viu nascer, viver e morrer para a salvação de todos. Não esqueçamos, tampouco, os lugares onde o terrorismo perturba a tranquilidade a que todos os povos, famílias e pessoas têm direito.

Com afeição, abraço a cada uma de vocês.

Irmã Juana ELIZONDO  
*Filha da Caridade*  
*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

## *O diálogo inter-religioso*

Paris, 10 setembro 2002  
Padre François BOUSQUET  
*Instituto de Ciências e de Teologia dos Religiosos*

## **Notas tomadas a partir de uma fita cassete (estilo falado)**

O que vou dizer agora condensa e reúne as duas primeiras partes e diz o essencial do que seja o diálogo inter-religioso.

### **I – JUSTIFICAÇÃO TEOLÓGICA DO DIÁLOGO**

Por que se dá tal importância ao diálogo, sobretudo depois do Vaticano II? Parece-me que antes não se estava tão preocupado com o diálogo. Eis uma redescoberta da longa tradição cristã. É verdadeiramente um mérito do Vaticano II ter-nos recolocado diante desta exigência da missão que ocorre no interior do diálogo. Mesmo se o diálogo inter-religioso não é evidente, ele interessa, sobretudo aos cristãos. O acontecimento de Assis, em 1986 foi algo absolutamente extraordinário. Houve um forte empenho do Papa para reunir os chefes religiosos, que não foi entendido e até algumas vezes se contestou. Toda religião deixada a si mesma, vive sua vida e não tem interesse de sair de suas fronteiras..Há verdadeiramente algo de particular entre os cristãos para arrastar outros ao diálogo e à partilha. No entanto, deve-se refletir bem no que se faz para não se opor à missão.

#### **O conceito de diálogo**

O que chamamos de diálogo na Igreja? Há duas maneiras principais de compreender o diálogo: em primeiro lugar, é um certo espírito com o qual se age, que dá o colorido, a qualidade a uma atividade (o que se faz, faz-se com espírito de diálogo). Este pode chegar a ser um método para conseguir os objetivos a que nos propomos. Em segundo lugar, podemos também compreender o diálogo como uma atividade específica da missão, porque se dirige aos membros das religiões não cristãs como também àqueles que não pertencem a nenhuma religião.

#### **Primeiro, o espírito de uma atividade para conseguir os objetivos**

Na Igreja, no momento do Concílio e da encíclica "Ecclesiam suam" de Paulo VI em 1964, houve uma redescoberta da necessidade absoluta do espírito de diálogo para a missão. A expressão de Paulo VI em "Ecclesiam suam" é muito interessante: "*a Igreja se faz conversação, a própria Igreja se faz conversação*". A Igreja começa uma conversa, uma palavra partilhada, um diálogo com todos. Isso é novo! Em vez de dizer: eu sei, eu lhes trago, vocês querem conhecer a salvação, disse: coloco-me à sua disposição. Conversa significa escutar, falar, responder

e estar em um nível de igualdade. Em *Ecclesiam Suam*, Paulo VI considera o diálogo como o modo de realização habitual e normal da missão no mundo contemporâneo. Isto quer dizer que a Igreja não está ao lado ou por cima, está no meio de..., no meio dos homens. Na consciência que a Igreja tem de si mesma e que as coisas mudam. É a questão da verdade que está em jogo: não somos proprietários da verdade, a verdade é maior do que nós. Com o Cristo, sabemos quem é a verdade, sabemos indicar em qual direção ela se encontra, sabemos nomeá-la: é alguém, não é uma idéia, uma estrutura, uma organização, nem somos nós mesmos. Ela ultrapassa todos, crentes e não crentes. Ao mesmo tempo, temos que dar testemunho desta verdade, da qual não somos proprietários, mas humildes servos. Para dar testemunho da verdade, a Igreja inteira tem que existir como existiu a Verdade em pessoa.

E a Verdade em pessoa é Cristo, exposto na cruz, (exposto no sentido de revelado, afirmado, apresentado, mas também no sentido de vulnerável: exposto ao ataque, à contradição, ao sofrimento, à negação, à rejeição). Dar testemunho da verdade de Cristo, como o Cristo está revelado na cruz é exigido e é vulnerável. Mas, certamente não impor isto como sendo o que é bom para o outro antes mesmo que ele tenha se manifestado. A Igreja se fez conversão, diálogo, palavra partilhada.

Também nisso há reticências teológicas muito profundas. Que faz Deus? Dá-nos sua Palavra em pessoa (o Verbo feito carne) e não a retoma. Em francês, dar a própria palavra é ao mesmo tempo fazer uma promessa, cumpri-la, mas também comunicar o que se é. Ele primeiro dá sua palavra e nós lhe respondemos, não somente por uma palavra partilhada, mas também pelo compromisso e pela fidelidade. O mistério da fé é um mistério de uma palavra partilhada como em todo amor. Não são simplesmente as palavras que são comprometedoras, mas o viver junto. É sempre este mistério de Aliança.

***Uma atividade específica da missão porque se dirige aos membros de religiões não cristãs, como também aos que não pertencem a nenhuma religião.***

É uma atividade de diálogo dirigida aos membros de outras religiões: trata-se do diálogo específico inter-religioso e não somente o espírito de diálogo em tudo o que fazemos.

*O diálogo das pessoas*

Façamos atenção! Não são as idéias que dialogam, mas as pessoas. Não é o islã e o cristianismo que dialogam, mas sempre os cristãos e os muçulmanos ou um cristão e um muçulmano. Não podemos esquecer que sempre são pessoas que dialogam. Não é um diálogo de abstração. Não falamos nem do cristianismo, nem do islamismo quando se fala de cristãos que não vivem conforme o

Evangelho ou de muçulmanos que não honram o nome que levam. Não é porque há cristãos pecadores que o cristianismo não é bom, nem tampouco por existirem muçulmanos violentos que o islã também não é bom. São as pessoas que dialogam que mudam sua experiência a qual se traduz em doutrina, em escritos...

### *O diálogo das pessoas em seu contexto*

Não se trata simplesmente do diálogo das pessoas, mas do diálogo das pessoas com suas comunidades e sua vizinhança. A maneira de viver o cristianismo, o islã ou o budismo é extremamente diversa e isto vai depender dos contextos. Na Europa há maneiras muito diferentes de viver o cristianismo, por exemplo, entre um luterano dinamarquês e um católico napolitano. Igualmente o islã da Indonésia não é o islamismo da Maurítânia, nem o da Arábia Saudita. Há variantes, versões, maneiras de fazer bem diferentes que dependem da comunidade, do seu meio social, do país... É preciso, pois, também compreender a pessoa, não somente em suas intenções, suas idéias, mas também no contexto que a rodeia. É proibido generalizar muito depressa. É preciso fazer tudo com um espírito de diálogo. Um diálogo inter-religioso não é uma atividade específica que se executa de qualquer maneira.

### ***Graças ao diálogo, os objetivos da missão se ampliam***

Com efeito, a finalidade da atividade missionária não é somente a proclamação do Evangelho em vista da conversão e da fundação das Igrejas e das comunidades particulares, mas é também o advento do Reino de Deus. As Igrejas em seu contexto histórico, nós mesmos, cada um e cada uma em nossa história estamos orientados para o mundo futuro, para o Reino de Deus. Não se deve fazer a Igreja se passar por Reino de Deus. Ela é seu sinal efetivo, de certo modo, o sacramento fundamental do Reino de Deus onde Deus será tudo em todos, onde Jesus Cristo recapitulará em si a humanidade reconciliada. A Igreja é antecipação do Reino. Cada vez que a Igreja se considera como o Reino de Deus já chegado, fecha-se em si mesma e isto pode tornar-se intolerante: trata-se talvez de uma cristandade fechada tradicional, em que a Igreja é muito santa, muito perfeita, equiparando-se ao Reino de Deus e se alguém está fora dela, pode não se salvar; ou ainda esta poderá ser uma cristandade política revolucionária. O Reino de Deus futuro é a Igreja que o realiza já completamente onde todos que não estão conosco estão contra nós e os que não estão dentro deste combate não estão no Reino. Eis aí uma outra maneira de confundir o Reino e a Igreja.

Entretanto, a Igreja deve sempre dar corpo e visibilidade ao Reino de Deus. Isto quer dizer que podemos constatar dialogando com pessoas que, atualmente não pertencem à Igreja, que elas, de uma maneira ou de outra, estão orientadas para o Reino de Deus. Portanto, há uma capacidade de ir mais longe na compreensão mútua. O diálogo inter-religioso começa sempre assim: a partir do momento em que nós mesmos

temos uma experiência de Deus através de Cristo, somos surpreendidos pela qualidade da experiência espiritual do outro que não é cristão, sem que necessariamente digamos ser ele um cristão que não se percebe como tal ; ele é verdadeiramente outro. É nesse momento que começamos a trabalhar. O valioso é sentir emoção e respeito pela qualidade da experiência espiritual do outro que, todavia, não é cristã. E isso mexe conosco porque sentimos desejos de anunciar-lhe Jesus, mas sabemos também que para apresentar-lhe o rosto de Cristo, vai ser necessário corrigir o que nos faz opacos, o que nos impede de mostrar o rosto do Cristo à altura do que Ele é.

Assim, pois, o diálogo amplia a missão. O objetivo último da missão é o Reino de Deus. Isso introduz o duplo aspecto: o da conversão necessária e o da paciência de Deus, o tempo. Há um trabalho na Igreja que consiste em não querer imediatamente, e de maneira angustiada, que o outro seja aquilo que eu sou, mas em saber que ele vai mexer comigo e me fazer crescer na minha própria fé; e ao mesmo tempo, vai fazer com que eu encontre o caminho para encontrar-me com ele na verdade de sua experiência, e em sua tradição religiosa.

### **Fundamentos dogmáticos**

Por que a missão se concebe a partir do diálogo? Por que, pela própria missão, é preciso dialogar? Por causa de Deus e por causa do homem. Para o vigésimo aniversário de *Ecclesiam suam*, o Conselho Pontifical para o diálogo inter-religioso (CPDI) escreveu um texto em 1984 sobre os fundamentos do diálogo. Por que é preciso dialogar?

#### ***Por fidelidade ao homem, por consideração ao outro***

Nº 21: *“A Igreja está aberta ao diálogo por fidelidade ao homem. Cada homem e cada grupo humano deseja e exige ver-se levado em consideração e tratado como responsável...”*

Isto significa para a missão que o outro não é uma criança incapaz de ser responsável por si mesmo, que sua religião não é uma religião primitiva e idólatra e que se deve ensinar-lhe a verdadeira religião. A missão é acolher o outro pelo que ele tem de melhor, diga o que disser, confesse o que confessar, quaisquer que sejam os defeitos de sua religião (como o “vaudou” que espalha o medo e acredita num tipo de magia que destrói o laço social, mas ao mesmo tempo é o protesto de escravos que se libertam novamente de sua escravidão reencontrando suas raízes). Tudo está misturado e confuso, mas, mesmo se há coisas que em nome do Evangelho não podem ser admitidas, é necessário sempre confiar no homem, no melhor do que ele diz e faz porque ele não é livre (ele tem medo da magia), É preciso vê-lo pelo seu lado melhor. Cada um exige ser levado em consideração e tratado com responsabilidade. O diálogo é considerar o outro sob este aspecto como seu igual. Mesmo que se trate de uma religião estranha, são seres humanos que a praticam e eles, antes de tudo, exigem ser considerados

como seres humanos responsáveis. Exige-se toda uma disciplina, toda uma mudança para não julgar as pessoas por suas idéias, nem as comunidades ou os grupos a partir de suas práticas ou da teoria que têm. Há uma admirável conversão a fazer.

*“...que isto aconteça quando experimentam a necessidade de receber, porém, mais ainda, quando têm a consciência de ter algo a comunicar aos outros”.*

É preciso ser bem delicado tanto quando se dá, tanto quando se recebe! Tu que vens de fora, tu que és estrangeiro, vens trazer a boa nova, mas eu também tenho algo a comunicar: é o princípio da reciprocidade.

Discutindo com Felix Machado, sobre as cristologias indianas, hindus, para ver como apresentar Cristo na Índia, tendo como telão de fundo o acervo cultural hinduísta, ele me lembrou que como teólogo, eu não devia esquecer que nós somos uma cultura que tem muito a dizer. Somos uma cultura milenar com cultura e uma sabedoria de homem milenar. Se levarmos em consideração esta experiência milenar em nossa teologia de Cristo, há rostos de Cristo desconhecidos até aqui que vão aparecer quando forem os hindus que viverão de Cristo. É o mesmo para todas as culturas. Há rostos de Cristo que só os cristãos africanos revelarão a todo o resto da humanidade; há aspectos de Cristo que aparecerão quando a relação com Cristo for vivida por tal ou tal cultura humana. Há muita coisa nova a ser dita sobre Jesus. Ainda não terminamos de viver nossa humanidade com Ele. Portanto, para falar dele, é preciso absolutamente falar daquilo que ele faz em nós. Não posso testemunhar Jesus sem dar testemunho do que Ele transforma em mim mesmo. Portanto, o homem ainda não acabou de saber quem é, como ainda não acabou de saber quem é Deus. Isto é fundamentalmente o que está em jogo no diálogo inter-religioso; primeiro a causa do homem e em seguida a causa da fé. Os dois estão ligados.

### ***Por fidelidade à fé cristã***

*“A Igreja está plenamente consciente de estar comprometida com o diálogo, acima de tudo por causa de sua fé. A revelação nos faz entrever uma vida de comunhão e de intercâmbio no mistério Trinitário...”*

O diálogo está baseado na fé. Deus não é um solitário fechado em si mesmo. Deus é relação em si mesmo. Deus, um só Deus, é em si Pai e Filho na unidade do Espírito, na unidade do amor, do intercâmbio, da vida partilhada. Deus não é o eterno celibatário dos mundos, como dizia Voltaire.

– *O Pai e o Reino de Deus.* Há muito a dizer sobre o Pai, que é generosidade, quer o Reino, quer associar o homem à sua vida. O mistério da Criação e da Redenção é muito simples: é a mesma lei para a vida interna de Deus (a vida ad intra de Deus). No interior de si mesmo Ele é Criador e Salvador. Isto refere-se à mesma lei: a alegria da comunhão na diferença mantida. A alegria de Deus é a alegria de uma comunhão,

não é a alegria de uma solidão. E há comunhão se há ao mesmo tempo relação e diferença. Portanto, a diferença se mantém para que haja relação. O Pai é Deus, o Filho é Deus, mas há em Deus o Pai e o Filho com esta diferença, esta relação, esta comunhão. A Criação é a mesma coisa: Deus, o primeiro, crê, confia em sua criatura e faz o mundo, faz o homem. Por quê? Para a alegria da comunhão na diferença mantida, comunhão numa relação, mas na diferença. A vida eterna em Deus não fará desaparecer nossa humanidade: Deus é Deus, o homem é homem. Estão destinados a unir-se, mas não numa confusão. São distintos, mas não serão separados. Assim, no mistério de Deus em si mesmo e para nós, há esta perspectiva da relação no respeito da diferença. Portanto é uma verdadeira comunhão que não é absorção e uma distinção que não é separação.

Então, na relação com o outro, com o outro não cristão ou de outra cultura, como vou entrar em relação, respeitando a diferença? Como vamos comungar, partilhar a vida respeitando a diferença do outro? Em outras palavras, é preciso olhar quais são as diferenças que nos separam, quais as diferenças que não nos afastam. É a mesma tarefa do ecumenismo. Há uma grande novidade no ecumenismo com o acordo entre luteranos e católicos sobre a justificação. Em outras palavras, depois de termos disputado e nos reconciliado sobre as coisas da fé que nos separaram de Lutero, há quatro séculos, temos agora um documento que diz que partilhamos a mesma fé sobre o ponto em que estávamos divididos: a justificação. Dizemos que nossa fé é a mesma, enquanto nossas maneiras de expressá-la, nossas sensibilidades aos diversos aspectos são diferentes. Portanto, temos que fazer um trabalho de discernimento: para perceber quais são as diferenças que nos separam e as que são essenciais e não nos dividem.

Se fazemos isto no diálogo entre cristãos, é interessante fazê-lo também no diálogo inter-religioso. Na maneira de nos aproximarmos de Deus, quais são as diferenças que verdadeiramente nos separam? Por exemplo, a questão da pessoa no budismo. Neste último, repugna dizer que o absoluto é pessoal porque para eles, isso seria particularizar demasiadamente alguém: a pessoa é forçosamente particular, separada de todo o resto. Como ir mais longe? Como mostrar que na teologia cristã, em razão do mistério da Santíssima Trindade, a pessoa é, desde a origem, relação e não separação? Quando falamos de Deus entre cristãos e budistas, esta diferença nos separa verdadeiramente ou não? Há provavelmente um enfoque que nos separa, mas alguns outros aspectos fazem com que não estejamos assim tão longe quanto pensávamos. E assim sucessivamente, religião após religião, cultura após cultura, etc...

– *O Filho que se fez carne, que se fez humano*



– *O Espírito Santo que trabalha na salvação* é ao mesmo tempo princípio de personalização do que faz cada um de nós único e diferente, e princípio de comunhão e universalização. Deus quer a salvação de todos. E a serviço da Salvação de todos está a Igreja que é em si mesma uma comunhão. Por isso, a Igreja continua se reformando para não confundir comunhão e uniformidade, mas para manter também a unidade da fé e não ser uma explosão de pessoas que já não se compreendem.

## II – CONDIÇÕES DO DIÁLOGO

### Condições espirituais

O Papa pediu a duas congregações romanas: a Congregação para a evangelização dos povos (que se interessa pelo anúncio) e o Conselho Pontifício para o diálogo inter-religioso, para escrever juntas um mesmo texto para mostrar que diálogo e anúncio não se opõem na missão, mas que esta última é ao mesmo tempo diálogo e anúncio. “*Diálogo e anúncio*” surgiu em 1991.

*“Para entrar numa atitude de diálogo inter-religioso, é preciso equilíbrio, convicção, abertura à verdade”.*

– *Uma atitude equilibrada* significa não ser nem ingênuo, nem muito desconfiado. Trata-se de ser simples como a pomba e prudente como a serpente, de evitar precipitar-se para todas as outras religiões ou de condenar todo contato com outra religião (cf. cisma integrista de Mons. Lefebvre).

– *Convicções religiosas*. Não se pode dialogar bem, se não se sabe quem se é e no que se crê. Buscar o mínimo denominador comum não é uma boa atitude. Trata-se de ver o que se pode partilhar a partir de nossas convicções e das do outro. Podemos dialogar a partir daquilo que verdadeiramente é importante em nossa fé.

– *Uma abertura à verdade*. Se verdadeiramente acreditamos na verdade, se pensamos que Jesus é para nós a verdade de Deus e a verdade do homem, a verdade a imitar e a seguir, então poderemos dialogar a partir daquilo que verdadeiramente é importante em nossa fé.

Assim, no diálogo judeu-cristão, certas maneiras de expressar dizem: nós, os cristãos, somos o Novo Testamento, e o Antigo Testamento está superado, subentendendo que os judeus não servem para nada. Somos o cumprimento da religião perfeita. Sete séculos depois, os muçulmanos dizem: somos a religião perfeita porque vocês, os cristãos, são ainda ídólatras. Cada vez que uma religião julga estar na perfeição (perfeição?, mas, segundo que critérios? em nome de quem, em nome de que?) ela se

equivoca. Nossa perfeição é Jesus Cristo crucificado e não “somos melhores do que os outros”. Quando alguém se interessa pelo que é verdadeiro, não tem medo e pode ir mais longe.

### **Pontos de apoio segundo as tradições religiosas.**

Nas condições do diálogo há possíveis pontos de apoio, possíveis pontos de encontro a partir do que são as grandes tradições religiosas do mundo.

– *O diálogo com os membros das religiões tradicionais.* Quais são os valores dessas religiões tradicionais? A vida (sobretudo nas religiões africanas), a harmonia entre os humanos e o cosmos, a natureza, a harmonia entre os vivos e os mortos (os antepassados), o uso da palavra para a harmonia social (a palavra), os valores da família e da comunidade.

Eis alguns exemplos entre outros:

Os antepassados nas religiões africanas e asiáticas lembram ao cristianismo ocidental uma das riquezas de seu tesouro, a comunhão dos Santos. Tornamo-nos extremamente sensíveis à solidariedade no espaço (o mundo é para todos, justiça), mas agora, trata-se da solidariedade com toda a espécie humana não somente no espaço, mas também na história. E as religiões africanas e asiáticas nos lembram que a espécie é solidária na memória de toda a linhagem daqueles que nos precederam. A lembrança na fé que nos faz viver é a do Crucificado ressuscitado. A ressurreição do Crucificado nos obriga a olhar diferentemente a história que nos precedeu. Deus não escreve a história como uma história de vencedores que fazem esquecer todos os que foram massacrados, contados por nada. Eles não desapareceram, eles estão vivos em Deus. E considerar a história a partir deles é um fator de transformação para o futuro. Não podemos esquecê-los.

Os ecologistas nos lembram a questão: que mundo vamos deixar para nossos filhos e para as gerações futuras? Lembram-nos a harmonia com a natureza.

Os valores da solidariedade. Quando se diz aos ocidentais que o Evangelho é a solidariedade, isto os toca porque eles se tornaram individualistas. Para nossa civilização que se tornou individualista, o trabalho consiste em lembrar que a solidariedade é essencial. E para os homens e as mulheres que já vivem a solidariedade nos países em via de desenvolvimento, o Evangelho sempre tem algo mais a dizer, mesmo se já são solidários: a solidariedade vai além de sua família de sua etnia, bem além, vai até o outro, inclusive seu inimigo. E se vocês são naturalmente solidários, a questão é continuar sempre abrindo os braços, como os braços da Cruz.

Assim, pois, o Evangelho não terminou de dizer o que tem a dizer na vivência positiva das religiões.

– *O diálogo com os antepassados do hinduísmo* que reconhece diversos itinerários para ir a Deus, que respeita aqueles que o seguem, convida-nos, nós os cristãos, a descobrirmos ou redescobriremos coisas essenciais, tais como o sentido do divino, a prioridade da experiência e do testemunho, a descoberta do eu interior, da interioridade, as virtudes da compaixão, do amor universal.

– *No diálogo com o budismo*, o cristão pode ver-se atraído por esta idéia de iluminação, de absoluto. A intuição mais profunda de Buda não é que este mundo não seja o último, já que nele se sofre? O budismo pode ajudar-nos a reavivar o desejo de absoluto e a importância da meditação, da interioridade, da ascese, da sobriedade, do jejum, etc...

– *Entrar em diálogo com o confucionismo* pode também residir na importância que o confucionismo dá à sociedade, à busca de harmonia nas relações de respeito. Claro que naquilo que dissermos até aqui, fixamo-nos nos aspectos positivos, sem nos deter nos negativos.

– *No diálogo com o islã*, é a fé num mesmo Deus Criador e juiz de todos, o misericordioso (um dos 99 nomes de Deus), com a reivindicação de uma comunidade humana a mais universal possível.

– *No caso específico do judaísmo*: na Igreja, em Roma, o diálogo judeu-cristão não é tratado pelo Conselho Pontifical inter-religioso, mas está ligado ao ecumenismo e, no entanto, o judaísmo não é cristão. Mas é preciso tratar sempre de maneira específica a relação judeus - cristãos: efetivamente não se pode estar unido a Jesus sem mergulhar suas raízes na promessa feita ao povo judeu na Escritura que é o Antigo Testamento. Na Bíblia, não se pode separar o Antigo e o Novo Testamento. A raiz da fé cristã se encontra no Antigo Testamento; ela é transformada por Cristo.

### **III – ALGUMAS DIFICULDADES PARA O DIÁLOGO**

O nº 52 do texto “Diálogo e Anúncio” indica os obstáculos ao diálogo.

– *Um enraizamento insuficiente na própria fé.* É uma dificuldade particularmente para os jovens que não conhecem suficientemente sua própria fé cristã e como têm amigos que pertencem a outras religiões, fazem uma espécie de mistura de tudo. A televisão e os livros de ciência- ficção levam a desenvolver, por vezes, idéias as mais estranhas.

– *Um conhecimento e uma compreensão insuficientes da outra religião.* Um dos erros mais freqüentes no diálogo com os muçulmanos é crer que é preciso comparar Jesus com Maomé. A boa comparação é quando se compara Jesus com o Alcorão. A Palavra de Deus que toma corpo, que nos vem ao mundo, é o Alcorão, para o Islã, e o profeta não é senão o servo desta palavra. Não se deve comparar Maomé a Jesus.

Maomé não é mais que um homem para um muçulmano; mesmo que seja perfeito, ele não é Filho de Deus nem Salvador. Nós cristãos dizemos de Cristo que ele é a Palavra de Deus encarnada.

– *As diferenças culturais, o mau conhecimento da linguagem do outro* são verdadeiros problemas. A mesma palavra, recebida em culturas ou civilizações diferentes, não têm o mesmo sentido. É preciso muito tempo para sua compreensão a partir da postura uns dos outros. Isto serve também para o diálogo ordinário.

– *Fatores sócio-políticos que provocam uma má lembrança.* Por exemplo, no diálogo judeu-cristão, mesmo que eu diga as mais belas coisas sobre Jesus, o judeu tem em sua memória coletiva que, em nome de Jesus seu povo foi massacrado na Idade Média, durante as Cruzadas... Têm primeiramente uma péssima recordação do que foi feito em nome de Jesus. Esta memória não passará tão cedo. No Oriente Médio, a Cruzada vista do lado muçulmano é uma memória de humilhação.

– *Uma má compreensão de palavras específicas como conversão, batismo, diálogo, etc...* Se o outro compreende o diálogo como uma vontade de converter, não pode haver bom resultado. Do mesmo modo a palavra conversão não deve significar automaticamente conversão a outra religião, mas exprime o movimento de conversão juntos para Deus.

– *Uma falta de convicção com relação ao próprio diálogo inter-religioso.* Alguns podem considerar o diálogo inter-religioso quer como uma tarefa reservada a especialistas quer como uma fraqueza e uma traição da fé.

– *A suspeita com relação às motivações do parceiro em nível do diálogo.* Quando alguém fala comigo, não devo pensar imediatamente que sua intenção é converter-me. Haveria então um falso diálogo no qual se experimenta enganar-se mutuamente.

– *Um espírito de polêmica que impede de falar tranqüilamente das coisas da religião.* Com efeito, quando se trata de religiões, rapidamente absolutizamos, sacralizamos o que está em jogo e não chegamos a discutir. É como na Igreja: os desencontros começam sempre quando se aborda a questão da liturgia.

– *A intolerância.* Esta se agrava com frequência quando se associa a fatores políticos, econômicos, raciais, étnicos...

– *O clima religioso atual, a indiferença religiosa, o materialismo, a multiplicação das seitas que criam a confusão.* (No que se refere à questão das seitas, vale mais não tratar no plano religioso, mas no plano

da lei civil, porque, em geral há manipulação de pessoas, extorsão de fundos ou de dinheiro, fechamento de um grupo: tudo ligado à área dos Direitos Humanos. Para onde vai o dinheiro? Quem manda? Há abuso de direito? É preciso primeiro garantir o humano).

#### **IV – AS FORMAS DE DIÁLOGO**

Há quatro formas de diálogo que é bom diferenciar.

##### **O diálogo da vida**

É a convivência: estar no meio do povo, viver com eles.

##### **O diálogo da ação ou das obras**

É fazer coisas em conjunto, em particular ações humanitárias. É mais do que viver juntos, é trabalhar com pessoas de religião diferentes, com organismos (ONG ou outros) para a promoção social, para as atividades múltiplas que fazem progredir uma sociedade. O serviço do outro nos reúne, inclusive apesar das nossas diferenças.

##### **O diálogo teológico**

É o diálogo dos teólogos que discutem a respeito da doutrina, da história das comunidades religiosas, dos problemas. Muito complexo, todavia essencial, o diálogo teológico é um ofício reservado aos especialistas, pois são necessários muitos conhecimentos dos outros para fazer retroceder a ignorância mútua. Mas, trata-se de falar com o rigor intelectual que se impõe, a fim de que o outro se sinta verdadeiramente compreendido no que vive, no que quer fazer.

##### **O diálogo em nível da experiência religiosa ou da oração**

É o nível mais alto e o mais difícil que é ajudado pelos níveis precedentes.

Podemos dialogar aceitando partilhar a forma de nos relacionarmos com Deus em nossa tradição religiosa e sobre nossa maneira de rezar. Quando nos deixamos surpreender pela experiência religiosa do outro, entramos no diálogo inter-religioso e queremos também comunicar a nossa.

Podemos também dialogar em nível da oração, mas é preciso prestar muita atenção. Não é fácil rezar juntos. Assim, como cristãos, quando rezamos, nossa oração é trinitária: mas, rezando desta maneira, ferimos o muçulmano que não pode rezar assim. Pelo contrário, podemos estar juntos para rezar, rezando conforme nossos respectivos costumes.

# ***A Igreja católica no movimento ecumênico***

## ***Reflexão histórica: Das reticências ao compromisso ecumênico irreversível da Igreja católica ao Concílio Vaticano II***

12 de setembro de 2002  
D<sup>a</sup> Maryvonne PHILIPPON  
Instituto Superior de Estudos Ecumênicos, Paris

### **1. Que é o ecumenismo?**

É a resposta que os cristãos quiseram e querem dar ao apelo de Jesus em Jo. 17: *“Que todos sejam um como nós somos um”*. A unidade é a marca cristã fundamental. Com efeito, lê-se em Ef. 4, 4-6: *“Um só Corpo e um só Espírito... um só Senhor, uma só Fé, um só batismo, um só Deus e Pai”*. Com nosso pecado quebramos esta unidade, rompemos este princípio vital, desfiguramos o Cristo. O ecumenismo consiste, pois, em reconstruir esta unidade. ¿Deixaríamos a Deus seu cumprimento final? O cumprimento da salvação depende certamente de Deus, mas o mandato de guardar a unidade incumbe a todos os cristãos e não somente aos especialistas. Todos os meios para reconstruir esta unidade rompida por nossas faltas históricas se entrecruzam: oração, ação e doutrina. João Paulo II em sua encíclica *Ut unum sint*, lembra-o fortemente. Estamos, pois, todos implicados nesta responsabilidade evangélica.

Como a vocação do cristianismo é universal, é preciso afirmar de entrada que o ecumenismo permite voltar a encontrar essa dimensão fundamental perdida no transcurso da história pela pretensão de algumas Igrejas que se dizem a verdadeira e única Igreja de Cristo e, por este fato, rejeitam as demais, chamando-as “heréticas”.

Continuando a leitura de Jo. 17, vemos que a unidade é necessária para o anúncio da Boa Nova da Salvação. Se Jesus pede aos crentes para estarem unidos, é também porque graças à sua união, o mundo crerá e o testemunho será convincente.

## **2. Os passos históricos do movimento ecumênico.**

O movimento ecumênico nasceu oficialmente em 1910, data da Conferência missionária de Edimburgo. Uma Conferência "missionária"! A expressão traduz que o movimento ecumênico nasceu da missão.

Nesta assembléia, as Igrejas jovens dirigiram uma palavra provocante às Igrejas antigas: *"Havíeis-nos enviado missionários que nos fizeram conhecer Jesus Cristo. Só podemos agradecer-lhes. Mas trouxestes também vossas diferenças e vossas divisões. Pedimos que pagueis o Evangelho e que deixeis Cristo, o Senhor, suscitar ele mesmo, em nossos povos, sob o impulso de seu Espírito, a Igreja conforme seu desígnio que será a Igreja de Cristo"*. Frase muito forte suplicando a unidade na diversidade de culto, de ritos, etc., mas também o reconhecimento da presença da Igreja de Cristo nas Igrejas novas surgidas do protestantismo no século XVII. O movimento ecumênico surgiu, pois, da missão. Mas nasceu também da tomada de consciência de uma situação de crise.

### **O movimento ecumênico é decorrência do crescimento da laicização e da secularização da sociedade ocidental**

Ateísmo, secularização, estes termos próximos traduzem o processo de emancipação do mundo moderno, da tutela do cristianismo e da Igreja. A doutrina cristã é plausível, quando a contestação filosófica do cristianismo incendeia o mundo ocidental, quando a razão humana se quer autônoma, sem Deus, quando a própria idéia de Deus se torna supérflua ou simplesmente negada? Eis um desafio lançado ao cristianismo. É um desafio lançado à função indispensável das Igrejas para o bem das sociedades. Neste contexto de crise do cristianismo, as Igrejas cristãs pensaram juntas em sua unidade para responder a estes desafios de tamanha importância.

### **A postura das Igrejas protestantes ante esta situação**

Historicamente, no século XIX, as Igrejas provindas da Reforma foram mais favoráveis ao ecumenismo. É preciso notar primeiramente que a mudança de posição do protestantismo foi no seu próprio seio um fator de unidade. A ruptura confessional protestante suscitou nestas Igrejas o gosto de construir alianças protestantes. Estas alianças passavam por cima das querelas doutrinárias e privilegiavam uma piedade e uma ação comum para enfrentar a crise de descristianização do mundo ocidental. Era preciso inventar uma nova Evangelização num mundo pós-

cristão, sair de nossas fortalezas institucionais e responder verdadeiramente às indagações que o mundo se fazia.

O protestantismo pensou antes da Igreja católica numa nova relação entre a Igreja e o mundo moderno, a Igreja e a sociedade, as questões éticas, políticas, este mundo moderno secularizado, sem ver no fato contradição com a fé cristã. Algumas correntes protestantes (procedentes da teologia liberal na França e do “Social Gospel” nos Estados Unidos) confiaram no progresso. A teologia nas ditas correntes era enfocada sob uma forma mais prática e ética que dogmática. Leão XIII, na encíclica *Rerum Novarum* de 1891, terá a mesma intuição, mas muito depois da época em que nos situamos.

Uma questão foi colocada desde o início do movimento ecumênico e permanece com uma viva atualidade, quando a confissão da fé cristã perde uma parte de seu conteúdo (falarei sobre isso a propósito do “evangelismo”). Poder-se-ia fazer a unidade sobre as bases de um cristianismo da ética e da responsabilidade com relação ao mundo ou sobre a doutrina? Sem dúvida alguma, é preciso agir, mas é preciso fazê-lo cristãmente, isto é, em nome de Jesus Cristo, sobre um fundo de doutrina verdadeiramente cristã. O desafio do movimento ecumênico fica traçado. A unidade deve ser ao mesmo tempo prática e doutrinal.

### **Postura do catolicismo ante a modernidade**

Roma reagiu à “crise da modernidade” que afetou o cristianismo e todas as Igrejas de maneira diferente das Igrejas nascidas da Reforma e isto até o Concílio Vaticano II. Por quê? De maneira positiva, a Igreja católica, reforçou a doutrina ante a incredulidade. Era uma necessidade para lutar contra as possíveis formas de sincretismo ou indiferentismo religioso (todas as religiões são válidas).

Mas, de maneira negativa, a Igreja católica romana foi percebida, naquela época, como a única Igreja com a qual Cristo contava para fazer brilhar sua luz no mundo. Roma se considera só e única “Igreja verdadeira” de Cristo. A pergunta que se faz na perspectiva da unidade cristã é a seguinte: uma Igreja instituída pode ter a pretensão de deter a verdade do Evangelho? A resposta é que só Cristo é “o caminho, a verdade e a vida” e supera, portanto, a verdade cristã confessada por uma Igreja. Todas as Igrejas têm que se voltar para Ele constantemente, para saber se são testemunhas fiéis. Uma atitude ecumênica que nossa Igreja católica infelizmente não teve no princípio do movimento para a unidade.

A preocupação legítima da Igreja católica de defender a fé cristã que é um bem para a sociedade, realiza-se isoladamente e com a pretensão de ser a única Igreja capaz de defender a doutrina cristã ante os ataques virulentos do ateísmo. Se as insistências doutrinais do pensamento católico fossem legítimas, sem dúvida não teria pensado que a unidade só se faria através da Igreja católica e ainda menos mediante uma exclusão das outras Igrejas.



## Tomadas de posição no período do Concílio Vaticano I (1878)

O Concílio Vaticano I foi convocado em 1868. A Igreja romana estava então ameaçada em seu poder espiritual e temporal. Pio IX, exilado no reinado de Nápoles, assumiu posturas doutrinárias em parte justas, mas profundamente defensivas. A Igreja do Vaticano I foi centralizadora e fortemente hierárquica. Passou-se de uma Igreja que ensina a uma Igreja ensinada, submissa e passiva, despojada de toda responsabilidade de tarefas missionárias inerentes a todo batizado.

A Bula de Pio IX de 8 de dezembro de 1864 pronuncia a condenação dos “erros modernos” (racionalismo, naturalismo, protestantismo, indiferentismo, relativismo). O protestantismo faz parte desses erros modernos. É considerado, com ou sem razão, como uma corrente cristã redutora do dogma e da noção de Igreja. É criticado por suas perigosas afinidades com a modernidade. A Igreja romana se defende de tais afinidades. Ela é “*societas perfecta*”. Assim, quem é a herdeira fiel da boa nova? A Igreja católica romana. Por conseguinte não poderia fazer aliança com o progresso das Igrejas saídas da Reforma? Não se pode pactuar com estas Igrejas para construir a unidade cristã. Então como fazer a unidade? A unidade só pode ser feita pelo retorno a Roma, pois fora da Igreja católica não há salvação. Por outra parte, as outras Igrejas são Igrejas? Para ser verdadeiramente cristão, é desejável o retorno ao redil romano. Esta é uma das justificativas da lentidão de Roma para comprometer-se com o diálogo ecumênico, enquanto a Igreja ortodoxa, a Igreja anglicana e as Igrejas protestantes já estão agindo neste campo.

A promulgação da *infallibilidade pontifícia* em 1870 foi oportuna? Os historiadores estão de acordo em reconhecer que ela prejudicou a busca da unidade. Foi recebida pelas outras Igrejas como a consagração de uma monarquia papal. O Papa obtinha um poder de jurisdição sobre todas as Igrejas. A cristandade ocidental dominava então o resto do mundo cristão. Padres conciliares, conscientes das dificuldades ecumênicas que decorreriam da promulgação deste dogma, militaram contra sua definição: bispos americanos, da Austrália e de Nova Zelândia, bem como os bispos das principais sedes da Europa: Milão, Paris, Leon, Munique, Viena.

A definição dogmática da Imaculada Conceição em 1854, não teve o mesmo impacto que a de 1870, porém, mais tarde, a nova promulgação mariana de 1950 (Assunção de Maria) não facilitou as relações ecumênicas nem com a ortodoxia, nem com as Igrejas reformadas.

Continuo o relato da história que permitirá medir a evolução considerável e a mudança de tom de nossa Igreja no Concílio Vaticano II em 1962. As reticências da Igreja católica com relação ao movimento ecumênico infelizmente se confirmam depois do Concílio Vaticano I no momento da criação de “Fé e Constituição” em 1927, instância de estudo

ecumênico espiritual e doutrinal do Conselho Ecumênico das Igrejas a que as Igrejas anteriormente citadas deram sua adesão.

A Encíclica *Mortalium Animos* de Pio XI (6 de janeiro de 1928). (Atas de Pio XI, volume IV, Casa da boa imprensa, 1932).

Antecedente da Encíclica: um decreto do Santo-Ofício de 1919 proíbe formalmente os católicos de participar dos encontros ecumênicos. O respeito às diversidades ainda não existia pelas razões evocadas anteriormente. A carta é dirigida aos patriarcas, primados, arcebispos, bispos e outros ordinários de lugar, em paz e comunhão com a sede apostólica. É um documento defensivo e sarcástico cujo alvo é o protestantismo, mas também as recentes conferências ecumênicas. (visa à conferência ecumênica da instância “Vida e Ação” do Conselho Ecumênico das Igrejas, de origem protestante, reunida em Estocolmo em 1926).

Como seus predecessores, Pio X e Benito XV, Pio XI vê os projetos ecumênicos como um ressurgir modernista e como uma tentativa de “pancristianismo” oposta à “única Igreja de Cristo”. A encíclica do 6 de janeiro não constitui uma surpresa. Por que tais reações ante a vaidade de todo reagrupamento desprovido do apoio de Pedro?

#### Alguns pontos de atenção

a) Um lembrete positivo mostra que para fazer a unidade dos cristãos, não é preciso imitar o mundo, mas exige-se rejeitar o veneno da impiedade que arruína o Evangelho. Só podemos estar de acordo com esta afirmação. Igualmente, fazer da religião assunto privado, desprovido de visibilidade, é perigoso para a sociedade. Também estou de acordo com o temor expresso na Encíclica sobre a possível perda da “religião divinamente revelada”, deste patrimônio religioso que é um bem para a humanidade.

b) O papado é considerado como símbolo exclusivo da identidade e da estabilidade cristã. Isto é justo, mas neste texto, a Igreja não está definida mais a partir do Papa do que de Jesus Cristo?

c) O protestantismo rejeitou um pouco inconsideradamente certos dogmas: os da Imaculada Conceição e da infalibilidade Pontifícia com a primazia de jurisdição atribuída a Pedro e a seus sucessores sobre a sede romana. Mas quem é infalível, a Igreja ou o Papa? Requer-se obediência a Roma, a “submissão ao vigário de Jesus Cristo quando ensina, ou quando manda”?. A unidade só pode ser feita com o retorno dos dissidentes para Roma.

d) O protestantismo (“os pancristãos”) é algo para-eclesial que enfoca a unidade sob a forma de federação de Igrejas, como um

parlamento de religiões. A segunda parte da frase é justa. A unidade da Igreja de Cristo não pode ser pensada segundo um modelo federativo.

e) O crescimento da caridade não poderia operar-se “em detrimento da fé”. Uma proposta justa diz que o ecumenismo deve preocupar-se com o entendimento sobre as verdades fundamentais da fé cristã. A Encíclica, com efeito, foi mal recebida pelos pioneiros do movimento ecumênico (católicos, protestantes, ortodoxos, anglicanos) e provocou muitos sofrimentos no catolicismo e fora dele.

### *Conclusão*

A Encíclica é favorável à unidade cristã, mas não a qualquer preço. Caridade, ação, doutrina, mas doutrina (e doutrinas) romana(s) ou doutrina cristã que se pode encontrar também nas outras Igrejas ou comunidades de Igrejas. Por hora, fora da Igreja católica, se está na heresia cristã. A unidade só pode ser feita com o retorno dos dissidentes para Roma. A unidade é confundida com uniformidade. É preciso esperar o Concílio Vaticano II para que a idéia de um ecumenismo por absorção das outras Igrejas desapareça, em benefício do reconhecimento das outras Igrejas cristãs como Igrejas de Cristo possuidoras de valores cristãos autênticos. No Vaticano II, a unidade cristã será enfocada na diversidade eclesial.

### **3. O giro do Vaticano II (1962)**

A fraca mobilidade de que a Igreja católica deu prova desde o Concílio de Trento, com as conseqüências que isto acarretou na implicação ecumênica da Igreja romana, se transformou integralmente no Concílio Vaticano II. Nossa Igreja se reformou. De onde vem esta mudança espetacular?

### **O movimento ecumênico e sua influência sobre o Concílio Vaticano II**

Na história não há mais inovações repentinas e absolutas. Sem o movimento ecumênico, talvez não tivesse havido o Concílio Vaticano II. Certamente esta guinada seja devida às intuições proféticas de João XXIII e de Paulo VI, mas também às múltiplas iniciativas individuais, ao trabalho dos precursores que silenciosamente prepararam o Concílio, cujo cume que nos concerne é a promulgação do decreto sobre o ecumenismo.

### **O trabalho dos pioneiros do lado católico**

Uma figura de peso na história do movimento ecumênico: o Padre Congar (1904-1995). Nomeado perito na comissão preparatória do Concílio em 1960, explorou durante 30 anos as possibilidades de uma renovação da Igreja para aglizar a união dos cristãos. Recordamos que não teve durante toda sua vida o favor de Roma, mas foi nomeado Cardeal em 1994. À sua morte em 1995, o hebdomadário francês, “La

Croix”, trouxe como manchete: “Cardeal Congar, bem comum da Igreja”. Este título traduz sua preocupação com os outros cristãos, a ponto de todos aqueles que o conheciam poderem dizer que era próximo e exemplar. Quase 20% dos textos do Vaticano II são seus. Deixa uma obra monumental sobre a Igreja e o ecumenismo.

O Padre Congar soube abrir-se ao mundo moderno e reconhecer seus valores, graças a seu gosto pelos contatos, sua curiosidade com relação aos movimentos de pensamento e de sociedade. Compreendeu que a unidade não era irrealizável. Gastou uma grande parte de seu tempo buscando conhecer intimamente as outras confissões. Reconheceu nelas valores e profundidades não atualizados no catolicismo. Existe verdade cristã fora da Igreja católica. É necessário o trabalho histórico para compreender os valores cristãos das outras Igrejas, as circunstâncias das rupturas, os enfoques doutrinários das Igrejas. Foi precisamente na história passada que encontrou impulso para criar algo novo.

Alguns títulos de sua imensa produção teológica são eloqüentes:

- *Cristãos desunidos em 1937*, transformado por *Cristãos em diálogo, Contribuição católica ao ecumenismo* em 1964.
- *Verdadeira e falsa reforma na Igreja* em 1950. A palavra “na” causou medo a Roma que queria permanecer sendo a dona do jogo e proteger o patrimônio da Renovação.
- Em seus contatos e estudos sobre as outras Igrejas cristãs, constata que muitos bloqueios são devidos à falta de compreensão no emprego das mesmas palavras. Daí a publicação do *Vocabulário ecumênico* em 1970.
- Em seu trabalho sobre *O Espírito Santo na Igreja*, defende que existe uma união entre o Espírito Santo e o Corpo apostólico que garante a infalibilidade das operações hierárquicas, mas que o Espírito Santo guarda um setor livre com relação à instituição.
- *À Igreja e as Igrejas* marca a passagem de uma visão jurídica da Igreja à concepção de uma Igreja mistério, tal como se desenvolverá na Constituição *Lumen Gentium* (Vaticano II). A Igreja não é somente um tema de reflexão, mas um lugar de experiência, uma comunhão das Igrejas à imagem da Santíssima Trindade. A Igreja é a Igreja do Verbo de Deus, a Igreja dos sacramentos, mas também a Igreja da Palavra de Deus que é seu fundamento.
- *Ciosos por uma teologia do laicato*: um estudo baseado no retorno à concepção bíblica da Igreja povo de Deus na qual colaboram clérigos e leigos em nome da responsabilidade conferida pelo batismo.

Não hesitem em ler: *Diário de um teólogo* (1946-1956) de Yves Congar, editado e apresentado por Etienne Fouilloux, Cerf 2000. Este diário é a dupla história de uma paixão pela verdade e de uma dura provação, suscitada por sanções eclesiais, vividas até o desamparo. Destaco entre outras: “a única motivação do homem é buscar a verdade. Esta verdade que exige os maiores sacrifícios gera a liberdade do crente”.

## **As grandes mudanças favoráveis ao ecumenismo**

### Fatos

- Criação de Secretariado para a unidade dos cristãos, por João XXIII em 1960, que passou a ser, em 1989, Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos cristãos. O Cardeal Bea era presidente em 1960, depois o Cardeal Willebrands. Atualmente preside este Conselho o Cardeal Kasper. Este novo organismo da cúria romana se deu como missão "...mostrar nosso amor e nossa benevolência para com aqueles que levam o nome de cristãos, mas separados desta sede apostólica. Para que eles também possam seguir os trabalhos do Concílio e encontrar mais facilmente o caminho que conduz a esta unidade pela qual Jesus dirigiu a seu Pai uma tão ardente prece, instituímos um Conselho especial ou Secretariado presidido por um Cardeal".
- Convite de peritos para participar do Concílio. Entre eles, Observadores do Conselho Ecumênico das Igrejas, representantes da Igreja ortodoxa, da Aliança mundial luterana e reformada, da Igreja anglicana e metodista. Estes observadores de outras confissões cristãs atestam, com sua presença, a validade do Concílio e suas tomadas de posição gerais. Os observadores não estiveram passivos, mas transmitiram suas observações nos debates e tomaram parte no acontecimento provindo de outra tradição e como outra tradição eclesial.
- Os gestos de Paulo VI em direção da unidade da Igreja. Gestos inesperados e proféticos: o beijo da paz com o patriarca Atenágoras 1º em Jerusalém, em 1964. Um momento de intensa emoção, já que se tratava do primeiro encontro entre um Papa e um patriarca de Constantinopla desde o Concílio de Florença (1439). "O diálogo das mãos dadas". Gestos também em direção à Comunhão anglicana em 1966, com uma celebração comum em São Paulo fora dos muros. Os dois chefes da Igreja estavam sentados ao mesmo nível e juntos abençoaram a multidão. Paulo VI passou ao dedo do Doutor Ramsey seu próprio anel pastoral, sinal do reconhecimento da outra Igreja. O diálogo oficial entre as duas Igrejas foi inaugurado nesta ocasião.

### **As opções do Concílio**

O Concílio Vaticano II foi e continuará sendo um momento fundamental na história da Igreja católica, por múltiplas razões das quais vou sublinhar as principais ao longo da exposição. Mas o essencial reside no fato de que nossa Igreja se entregou à sua autocrítica e esta atitude fundamental é visível nos textos conciliares. O velho adágio "Fora da Igreja católica não há salvação" está superado, para o bem da própria Igreja católica, mas também para as outras Igrejas cristãs. O Concílio, com efeito, abriu o caminho ao arrependimento.

O Concílio por suas diversas opções, em particular, a preocupação em atualizar o Evangelho para o mundo, a abertura às Igrejas separadas de Roma (Decreto sobre o ecumenismo) e ao diálogo inter-religioso tomou uma direção justa que satisfaz a todas as Igrejas (Declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis Humane*). A abertura ao mundo se fez segundo a perspectiva pastoral do Concílio: a Igreja escutou o que o Evangelho chama “os sinais dos tempos”. Esta intuição será consagrada pela Constituição sobre a Igreja *Gaudium et Spes*. Passa-se da hostilidade ou da desconfiança à conversação e à integração da Igreja nos problemas do mundo. A Igreja católica se situa daqui pra frente “no” mundo e não por cima do mundo, nem frente a frente com ele.

A pastoral de conjunto do Concílio deve muito aos trabalhos de sociologia religiosa do cônego Boulard, de Marie Dominique Chenu sobre as realidades sociais, econômicas, demográficas e as grandes mudanças da sociedade. A opção geral é que as situações concretas são os lugares de encarnação do mistério cristão.

Deu-se também a volta às fontes do cristianismo: renovação dos estudos bíblicos (criação da Escola bíblica de Jerusalém pelos dominicanos, do Instituto bíblico pontifício em Roma pelos jesuítas). Renovação litúrgica. Redescoberta dos Padres da Igreja (criação da coleção “fontes cristãs” Daniélou e de Lubac), depois preocupação com a pesquisa histórica, tanto dos Santos Padres como do pensamento medieval e da modernidade ocidental. A missão é responsabilidade de todos: teologia do laicato e nova concepção da existência cristã no mundo (um dos modelos iniciados pela Reforma), consignada no Decreto sobre o Apostolado dos leigos (*Apostolicam Actuositatem*). O cristão deve viver no mundo para aí cumprir seu serviço de cristão. Este serviço não é reservado unicamente aos padres. A vida cristã é uma vida vivida no temporal, numa diversidade de estados que constituem a vida social e que devem ser considerados como atribuídos a cada um por Deus, para que exerça sua vocação cristã.

Proclamação aberta da liberdade religiosa: *Nostra Aetate*. Desde suas origens, o movimento ecumênico se declarou a favor da liberdade religiosa. A sociedade moderna exige certo número de adaptações por parte das Igrejas. Todas as religiões têm um certo valor que o cristianismo deve reconhecer. Não podemos impedir o povo de acolher outras verdades. Assim a Igreja do Vaticano II será levada a revisar seu julgamento sobre o judaísmo e sobre o islã e a se fazer os temíveis questionamentos provenientes do diálogo - inter religioso do qual vocês ouviram falar durante este encontro.

**O decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*** (literalmente recomposição da unidade).

Alguns pontos de atenção

- “Princípios católicos do ecumenismo”. O título deste capítulo expressa a idéia de um único movimento ecumênico do qual todas as Igrejas participam. A primeira versão do Decreto propunha como título “Os princípios do ecumenismo católico”. A versão definitiva é “Princípios católicos do ecumenismo”. Que significa esta modificação? Significa que o envolvimento da Igreja católica no ecumenismo constitui com a das Igrejas oriundas da Reforma e a da ortodoxia oriental, um só e único ecumenismo. Cada Igreja cristã participa dele segundo seus próprios princípios, com sua própria eclesiologia, sem abandonar as doutrinas que considera essenciais à fé cristã.
- Importância do ecumenismo espiritual e da conversão. As rupturas são faltas históricas de que cada Igreja deve arrepende-se.
- A Igreja é comunhão: uma grande diferença com relação à concepção jurídica da eclesiologia do Vaticano I. Em virtude do batismo e da fé, todos os batizados, suas Igrejas e comunidades participam desta comunhão universal dos cristãos com Cristo, mesmo quando esta “comunhão é ainda imperfeita”. A Igreja de Cristo é comunhão de Igrejas. Os irmãos separados são Igreja porque participam do Espírito Santo. Nesta comunhão das Igrejas há lugar para a diversidade das expressões da fé.
- Aceitação dos destaques doutrinários próprios de cada tradição desde que estejam em referência ao centro da profissão de fé cristã. “Comparando as doutrinas... os teólogos católicos... lembrem-se que existe uma ordem ou “hierarquia” de verdades na doutrina católica, em virtude do seu relacionamento diferente com os fundamentos da fé cristã. Assim se abrirá o caminho pelo qual, mediante esta fraterna emulação, todos se sintam estimulados a um conhecimento mais profundo e uma manifestação mais clara das insondáveis riquezas de Cristo” (Hierarquia das verdades: UR § 11). Este princípio pode, a meu ver, ser posto em aplicação nos enunciados dogmáticos. Sem fazer secção na doutrina, é possível dizer que os dogmas relativos à primazia de Pedro ou à Assunção de Maria não estão no mesmo plano que os dogmas relativos a Cristo ou à Santíssima Trindade. Evidentemente, a divino-humanidade de Jesus Cristo e a infalibilidade pontifícia também não pertencem ao mesmo registro. Todos estes dogmas “segundos” não têm sua razão de ser, senão em sua relação com os dogmas fundamentais e devem ser constantemente vividos à luz destes. Assim, a piedade mariana deve estar em relação permanente com Jesus Cristo. Mais tarde, o diálogo ecumênico reconhecerá que os dogmas marianos recentemente promulgados pela Igreja católica não são obrigatórios para outras Igrejas, mas convida-as a que os considerem como aprofundamentos legítimos da renovação cristã (Trabalhos do Grupo das Dombes, sobre Maria).
- A Igreja católica romana é a única verdadeira Igreja de Cristo? Vimos anteriormente, que a Igreja católica romana julgava as outras comunidades e Igrejas cristãs apenas em relação a ela mesma. Daí

o convite aos cristãos separados da Igreja católica, “os dissidentes” a que retornem à única verdadeira Igreja de Cristo. É preciso dizer agora: a Igreja católica romana começou a avaliar as outras Igrejas e comunidades eclesiais em relação a uma concepção da Igreja que transcende a si mesma. A Encíclica *Mistici Corporis* de Pio XII, de 1943, professava a identidade entre o Corpo de Cristo e a Igreja católica. A mudança operada pelo Vaticano II é considerável porque diz que a Igreja de Cristo subsiste na Igreja católica “*subsistit in*” (*Lumen Gentium* § 8). A expressão significa que a única Igreja de Cristo tem seu lugar concreto e seu modo de vida na Igreja católica; nesta, a Igreja de Cristo está completamente realizada como sociedade organizada, governada pelo Papa pelos bispos. De fato, a Igreja católica é a única que tem uma unidade de governo que lhe permite ter um Concílio ecumênico. Mas a concretização é diferente da identificação. A conseqüência é que o mistério da Igreja não se esgota numa só Igreja. A Igreja de Cristo ultrapassa mesmo as Igrejas históricas.

- As Igrejas e comunidades eclesiais separadas no Ocidente têm o batismo. Este é sinal de unidade. Ademais, fora deste conjunto, encontram-se vários elementos de santificação... (cf. LG 15 e UR 3). Existem fora da estrutura da Igreja católica não só cristãos individualmente, mas também elementos constitutivos de natureza eclesial, dos quais o mais importante, fundamentalmente é o batismo. Com efeito (cf. 22) pelo batismo, o batizado torna-se membro da Igreja de Cristo. Por isso, fora da estrutura visível da Igreja católica, há Igrejas que não estão separadas da relação com Cristo.
- A eucaristia é sinal de unidade. A Igreja ortodoxa é a “Igreja Irmã” (§ 14). Beneficia-se de uma proximidade sacramental total com a Igreja católica e, por isto, pode ser considerada sua “irmã”, apesar da ruptura de 1054. Os problemas doutrinários que persistem entre estas duas Igrejas não são de importância suficiente para impedir que as duas comunidades se reconheçam no pleno sentido do termo como Igrejas ou antes como duas porções da única Igreja participante do mistério sacramental.
- A plenitude da catolicidade. Uma expressão importante do Decreto: Igrejas e comunidades eclesiais, todas juntas, estão em marcha para a plenitude da catolicidade. O todo é distinto das partes. É envolvente e comunica plenitude. Assim, a Igreja católica só realizará a plenitude de sua catolicidade (28) unindo-se às outras Igrejas de Cristo. Catolicidade e ecumenismo coincidem. O compromisso ecumênico, portanto não é facultativo ao nosso “ser” Igreja, mas tem sua fonte no dinamismo interior da própria catolicidade.

#### **4. Continuando um compromisso irreversível**



Depois do Concílio Vaticano II, o compromisso ecumênico da Igreja católica foi confirmado pela Encíclica de João Paulo II *Unum sint* (1995). “Este compromisso deve ser vivido como um imperativo da consciência cristã esclarecida pela fé e guiada pela caridade”. O Diretório ecumênico de 1993, documento do Conselho Pontifício para a unidade dos cristãos destinado aos Pastores da Igreja católica e a todos os fiéis, lembra com força a responsabilidade de todos os batizados na tarefa ecumênica. Este compromisso na busca da unidade deve traduzir-se imperativamente na formação dos pastores e dos fiéis: “O ecumenismo requer...também “um compromisso do povo de Deus com as estruturas eclesiais e segundo a disciplina própria de cada um dos níveis” (Diretório ecumênico § 26).

O ecumenismo deve ser vivido em todas suas formas, espiritual primeiramente, doutrinal e prática: oração comum cujo tempo forte é a semana anual de oração pela unidade dos cristãos, colaboração ecumênica no campo da catequese, ecumenismo dos lares mistos, delegados diocesanos para o ecumenismo, etc...

Por fim, sublinhamos a importância do ecumenismo doutrinal. Depois do Concílio foram criadas muitas comissões de diálogo inter-ecclesial. Os cristãos têm de conhecê-lo e estar atentos aos consideráveis progressos que nossas Igrejas fizeram. Mediante um paciente trabalho, chegaram a perceber as divergências e as convergências entre as tradições confessionais, a fim de chegar a acordos parciais ou plenários.

Todas estas buscas inseparáveis, em vista da unidade dos cristãos, são respostas concretas à oração de Jesus: “*que todos sejam um como nós somos um*”.

D<sup>a</sup> Maryvonne PHILIPPON  
Instituto Superior de Estudos Ecumênicos, Paris

*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

## ***A Igreja católica***

# *no movimento ecumênico*

## *Reflexão teológica: da ruptura... ao diálogo com a Reforma*

Paris, 12 de setembro de 2002

D<sup>a</sup> Maryvonne PHILIPPON

Instituto Superior de Estudos Ecumênicos, Paris

### **Introdução**

A exemplo da diversidade cultural que vocês reapresentam, vou propor esta exposição para fazê-las sentir de uma maneira mais sistemática, que a confissão de fé cristã é poliglota e que a fidelidade à mensagem cristã não passa por uma uniformidade de expressão desta mensagem.

Tomarei o exemplo da ruptura do século XVI e do acontecimento histórico da reconciliação entre católicos e luteranos em 1999, que marca a supressão das condenações de 1520. Depois de recordar alguns dados históricos acerca desta ruptura, tentarei mostrar que o diálogo ecumênico vivido há longos anos levou a uma reconciliação efetiva entre nossas duas Igrejas. Esta reconciliação é um acontecimento de grande alcance para a Unidade dos cristãos. A finalidade de minhas palavras será mostrar que este diálogo luterocatólico é exemplar em seu método: pode-se dizer as mesmas verdades de fé com conceitos diferentes, com formas de pensamento e tônicas diferentes. Temos aí o modelo de uma unidade na diversidade de expressões da fé cristã e pelo fato mesmo, uma sã e frutuosa volta às origens das primeiras comunidades cristãs que viveram esta unidade na diversidade (sem ruptura de comunhão entre elas, é preciso sublinhar). O método posto em marcha neste diálogo é promissor para os cristãos e para as culturas.

### **1. Importância do diálogo doutrinal entre as Igrejas**

É interessante recordar por que meios os cristãos se esforçam atualmente para superar os obstáculos que se opõem à sua unidade. Estes meios existem. São eficazes. Têm a garantia de uma experiência antiga que vai crescendo a cada dia. Com eles está comprometido um pessoal considerável e qualificado e representam um orçamento respeitável.

O movimento ecumênico não começou por uma produção de textos mas por uma ação comum: a da missão no século XIX, enraizada na missão dos Apóstolos, no Espírito de Pentecostes e na perspectiva

universalista da salvação. As Igrejas dialogam entre elas com uma atitude de respeito e de abertura à diferença. A oração comum é a base de seu trabalho. Mas o diálogo ecumênico vai mais longe.

### O diálogo é sinal da fidelidade da Igreja à sua missão de testemunha

O diálogo concerne, com efeito, à fidelidade da Igreja à missão de testemunha da reconciliação e da comunhão. O que se busca no diálogo é a comunhão que está no próprio coração do mistério da Igreja. O testemunho de nossas Igrejas no mundo deve ser feito sobre bases seguras, como o haviam previsto os papas anteriores ao Concílio Vaticano II.

A preocupação por uma sã doutrina anima hoje as Igrejas em diálogo. Cada crente vive esta doutrina cristã em fidelidade à herança de sua Igreja de origem. Nós, católicos, somos fiéis a nossa Igreja, mas o estudo da tradição de outras Igrejas, de sua maneira de viver e de confessar sua fé, pode fazer-nos tomar consciência de que há outras formas de fidelidade evangélicas a que não fazemos justiça.

### O diálogo é sinal de conversão das Igrejas em nome da verdade

“Urge acolher a verdade onde quer que esteja, pois ela venha de onde vier é própria do Espírito” lembra o Diretório ecumênico do Conselho Pontifício para a Unidade dos cristãos (§ 57). Estou convencida de que a verdade não procede só de mim, nem da Igreja a que pertencço, mas da história que Deus conduz nos acontecimentos de salvação onde ele se manifesta. A realidade divina faz irrupção incessantemente na vida de nossas Igrejas e em nossas próprias vidas. Estimula-nos também a estar sempre em movimento, em renovação e em conversão.

A verdade cristã existe só em minha Igreja? Seria muito presunçoso pensar nisto. Posso encerrar Deus em minha Igreja? Deus não se deixa encerrar em nenhuma parte. Está presente em toda parte. Assim, a Igreja só pode dialogar quando aceita que não pode identificar o que sustenta com a Verdade que é Cristo Jesus. É preciso convencer-se de que, através do diálogo, uma Igreja atinge sua plenitude cristã e se faz ainda mais cristã.

O diálogo com os outros cristãos me ensinou a deixar ao próprio Deus a liberdade de sua revelação e a adquirir uma plenitude cristã um pouco maior. As leis do diálogo, não preciso ensinar-lhes, são a escuta, a acolhida do outro, mas também a disponibilidade a se deixar comover, voltar-se para o outro, converter-se se necessário, pois o outro nos faz sair e ir além de nós mesmos, do nosso modo de pensar ou o da família a que pertencemos que profere uma palavra “monológica”, mesmo que seja justa.. Por isso, repito, quanto mais nos abirmos às riquezas do dado revelado presente nas outras confissões cristãs, mais cristãos seremos. O exemplo de uma atitude de fechamento sobre si mesmo é a Igreja de Monsenhor Lefèvre. Se o Concílio Vaticano II indispondo tanto os católicos

radicais, é que a verdade, segundo eles, só existe entre eles. É uma concepção pelo menos redutora da noção de verdade, porque há verdades cristãs nos “outros”.

## **2. A ruptura do século XVI**

Lutero, nascido em 1483, era monge e sacerdote, teólogo e doutor em Sagrada Escritura. Como doutor e professor, comprometeu-se com sinceridade na defesa da doutrina que encontrava na Sagrada Escritura. Em nome do Evangelho, Lutero se levantou contra um cristianismo fácil, supersticioso. O assunto das indulgências foi um detonador. A Igreja podia perdoar as penas. Era, no fundo, algo confortável para um cristão. A pena era perdoada graças a uma carta de indulgência. Podia-se continuar pecando à espera de outra indulgência. Isso, devido, certamente, ao papado, que autorizava as indulgências. A questão de Lutero foi então: quem detém a autoridade na Igreja? O Papa ou a Palavra de Deus consignada na Sagrada Escritura?

Uma bula pontifícia o condena no verão de 1520. Insiste-se com este monge rebelde que se retrate e se submeta à instituição. Lutero só tem uma resposta: “a verdade é mestra inclusive do Papa” (WA 2. 18. 2). e esta verdade se expressa na Sagrada Escritura. A Palavra de Deus está acima do Papa e não o contrário. Era um debate teológico já presente na Igreja, mas que se transformou em ruptura. Lutero foi excomungado em 1521. Ele prosseguiu então seu ministério de pregador a serviço da Sagrada Escritura e depois, toda uma geração de cristãos se apoiou em suas teses.

### A controvérsia entre Lutero e o Concílio de Trento

Em termos simples, para resumir uma querela doutrinal complexa, podemos dizer que as condenações do Concílio de Trento com relação a Lutero se referem aos seguintes pontos: os reformadores apresentam a ação da graça de Deus que justifica de maneira radical como obra de Deus. Segundo Paulo, “somos justificados pela graça e não por nossos méritos”. O Concílio de Trento, por sua vez, ressalta que o homem justificado torna-se realmente justo e que por isso mesmo pode cooperar na salvação por meio da Igreja que é mediadora da salvação. Para Lutero, só Deus é autor da salvação. Não há outra mediação salvífica além da de Cristo. Ora, no catolicismo, diz-se que por e com Cristo e o Espírito, colaboramos com a nossa salvação. Nós mesmos somos atores por graça desta salvação operada em favor de todos, através do único mediador.

No pensamento reformador, o “solo Christus”, a “scriptura sola”, a “sola fides” (só Cristo, só a Sagrada Escritura, só a fé), são os pontos fundamentais e suficientes da doutrina cristã- com exclusão da mediação ou da “instrumentalidade” da Igreja e, por ela, do crente. Temos aí uma diferença fundamental que, certamente, não se deve minimizar, mas o diálogo entre nossas duas Igrejas escolheu, num

primeiro momento ater-se ao que temos em comum e não ao que nos separa. Na declaração de Augsburg, faz profissão de fé comum sobre a salvação operada por Jesus Cristo. A célebre fórmula de Lutero “simul justus et peccator” (o homem é ao mesmo tempo “justo e pecador”) que foi também objeto de controvérsias em nossas Igrejas, foi também examinada neste recente diálogo. Este concluiu que já não havia razão para separar-se por causa deste ponto.

O debate sobre a Igreja que provocou a ruptura foi aberto com esta Declaração comum. A etapa posterior, já objeto de estudo, consistirá em reconsiderar a Igreja com relação ao critério da “justificação” (da salvação), um princípio que, segundo Lutero manterá ou derrubará a Igreja”. O desenvolvimento deste tema ultrapassaria largamente o tempo que teria com vocês e portanto não vamos abordá-lo.

### **3. A reconciliação: a Declaração comum sobre a doutrina da justificação 1999.**

A Unidade cristã foi rompida por um acidente histórico. Hoje, sem dúvida, não se condenaria Lutero. Em suma, proibir-se-ia que ensinasse durante um tempo, como aconteceu com alguns de nossos contemporâneos. O certo é que, depois de mais de um século de ecumenismo, e quatro séculos de separação, o acordo de Augsburg levou a uma reconciliação efetiva da Igreja católica com a Igreja luterana. A 31 de outubro de 1999, os representantes oficiais da Igreja católica e da federação luterana mundial assinaram em Augsburg a *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação*.

Por que Augsburg? Porque Augsburg foi o lugar do encontro infrutífero entre Cajetan e Lutero em 1518. Lá que os príncipes alemães apresentaram, em 1530, sua confissão de fé a Carlos V. Foi também aí que se assinou a paz confessional em 1555.

a) Antecedentes deste acontecimento histórico

#### Descoberta espiritual do outro

A história se abre porque foi preparada. Os acordos chegam à maturidade porque houve preparação. Até os começos do século XX, ouviam-se em nossa Igreja um grande número de críticas sobre Lutero, aquele monge orgulhoso, que havia largado o hábito, se rebelado contra o Papa e havia casado com uma ex-monja chamada Catarina von Bora. Denifle, jesuíta austríaco, escrevia em 1904: “Lutero, em ti, não ha nada de divino”. Os julgamentos não eram sempre fundamentados. A psicanálise aí se infiltrou e passou pelo crivo de sua ciência a psicologia de Lutero, encontrando nela aspectos perigosamente neuróticos. Enfim, Lutero parecia ser definitivamente enviado ao inferno pelos católicos. Mas, pouco a pouco, uma estima mútua foi surgindo entre luteranos e

católicos. Os luteranos foram e continuam sendo adeptos sérios. Lê-se Lutero do lado católico, do lado luterano também... e as coisas caminham bastante depressa.

### Gestos de reconciliação

Pode-se citar como gestos a visita do Papa João Paulo II à Alemanha, onde foi recebido calorosamente pelos luteranos, a reformulação na maneira de apreciar espiritualmente o outro, facilitada entre os luteranos pela adoção de uma atitude crítica com relação a Lutero e seus erros, suas polêmicas desmedidas, seus escritos antijudeus... suas condenações referentes ao papado, ao movimento anabatista, etc. Por sua parte, o Papa reconheceu os pecados e os erros dos católicos a respeito do Reformador.

### O Vaticano II, sem dizê-lo, fez reviver certo número de buscas de Lutero

A retomada no Concílio de algumas das intuições de Lutero, de que já falei, não significa uma 'protestantização' da Igreja católica, como o pensam os católicos radicais, suspeitando que os Padres conciliares tivessem compactuado com a heresia. Além disso, o Cardeal Willebrands disse em 1970: "Lutero é nosso mestre comum". Assinalamos também que os católicos alemães adotaram e adotam muitos hinos de Lutero. As leituras, os cânticos são muito importantes. Ficam mais marcas do que se canta do que daquilo que se diz. Um hinário comum teria um efeito considerável.

#### b) A declaração comum: um consenso diferenciado

Esta declaração comum deveria marcar data por varias razões:

- Põe fim a um conflito dogmático que durava há 480 anos. Compromete as duas Igrejas e não somente os seus teólogos.
- É a primeira vez que a Igreja católica se compromete oficialmente com uma assinatura feita, não por teólogos, participantes em comissões de diálogo, mas pelo próprio Papa. Foi, portanto, a Igreja católica como tal que a assinou. A comunhão luterana mundial também assinou este acordo, aceito pelos 128 sínodos, exceto Madagascar e Dinamarca que não têm sínodo. Atualmente, há outros acordos como o de Balamand entre a Igreja ortodoxa e a Igreja católica, o do ARCIC (Anglican Roman Catholic International Commission) ainda não ratificados pelas Igrejas. São "acordos chamados substanciais ou parciais". Neste caso temos um acordo pleno.
- Os anátemas partilhados sobre o tema da justificação já não afetam as Igrejas.
- Enfim, o ponto que vai reter nossa atenção, é esta Declaração que poderia fazer história devido ao caráter inovador de sua metodologia, que é a de um "consenso diferenciado".

No Documento, a Federação luterana mundial e a Igreja católica proclamam seu acordo referente à compreensão da Justificação através de uma afirmação fundamental comum: “Juntos confessamos que ‘ somente pela graça , por meio da fé na ação salvífica de Cristo, e não por algum mérito nosso, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo que renova nossos corações, capacita-nos e nos chama a realizar boas obras’ ” (DCJ 15).

Apoiando-se nesta afirmação comum, os dois parceiros, em seguida, examinam juntos os principais pontos de cristalização do desacordo sobre a justificação no século XVI, que conduziram a anátemas recíprocos. Passamos revista em sete: a incapacidade humana para se justificar, o perdão dos pecados e a transformação da pessoa; a justificação pela graça através da fé; o ser pecador justificado; a lei e o Evangelho, a certeza da salvação; as boas obras do justificado.

Sobre cada um destes pontos particulares, a Declaração se pronuncia por uma afirmação novamente comum, vinculada diretamente, esta vez, ao ponto que foi objeto de anátema. O consenso fundamental é novamente verificado nos pontos em litígio. Neste quadro, precisam-se os caminhos teológicos específicos de cada uma das duas tradições. Esta especificidade é avaliada a respeito da linguagem e as formas de pensamento no qual o parceiro elaborou sua reflexão de fé. Constata-se então a legitimidade a nível cristão da maneira como cada uma das Igrejas fala da salvação.

A constatação decisiva é que “entre luteranos e católicos existe um consenso em verdades básicas da doutrina da justificação. À luz desse consenso, as diferenças remanescentes na terminologia, na articulação teológica e na ênfase da compreensão da justificação... são aceitáveis” (DCJ 40). Isto leva a constatar de que os anátemas do passado sobre estes temas já não têm repercussão no presente. “A doutrina das Igrejas Luteranas apresentada nesta declaração não é atingida pelas condenações do Concílio de Trento. As condenações contidas nos escritos confessionais luteranos (escritos simbólicos) não atingem a doutrina da Igreja católica romana exposta nesta declaração” (DCJ 41).

### Comentário

Que significa esta expressão “um consenso diferenciado?” Significa que há um acordo considerado completo sobre as verdades fundamentais da fé, embora aceitando diferenças de linguagem.

#### (1) A confissão de fé é poliglota

Admite-se que há pluralidade de expressões da fé cristã. Esta distinção entre o fundo e a forma foi introduzida por João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II. Pode-se pensar uma verdade de fé de maneira

diferente. João XXIII teve a inspiração de colocar a doutrina em movimento. Fez uma distinção entre a verdade revelada intangível e imutável, e as diversas formulações que está fadada a receber ao longo dos séculos: “Com efeito, uma coisa é o depósito mesmo da fé, é dizer as verdades contidas em nossa venerável doutrina, e outra a forma sob a qual estas verdades são enunciadas, conservando, no entanto, o mesmo sentido e o mesmo alcance”. (João XXIII, discurso de abertura do Concílio, o 11 de Outubro de 1962, em AAS – 1962 – 792).

## (2) Os testemunhos tradicionais de uma diversidade

Desde a origem houve uma pluralidade de comunidades cristãs. Sob formas diversas, as Igrejas tiveram seu modo próprio de anunciar o Evangelho e vivê-lo. O decreto conciliar do Vaticano II sobre o ecumenismo se expressa nestes termos: “A herança deixada pelos Apóstolos foi recebida de maneiras diversas e desde os primórdios da Igreja cá e lá foi explicada de forma diferente por causa da diversidade das pessoas e das condições de vida” (UR nº 14 § 3). Uma única verdade, a da revelação de Deus na história, pode ser expressa diferentemente. Com efeito, a figura de Cristo se manifesta a cada um em formas diversas, mas estamos todos unidos em torno da proclamação comum do acontecimento de Páscoa. O próprio Evangelho não se apresenta sob a forma de um só relato, mas de quatro. Estes quatro escritos relatam o mesmo acontecimento na linguagem das comunidades que o viveram e querem prestar conta dele.

## (3) O consenso diferenciado em matéria doutrinal é uma novidade para os católicos

### Há verdade entre os outros

Não somente há verdade nos outros, mas ainda, o diálogo com nossos parceiros na expressão da fé (cf. Ut unum sint, nº 87) permite um enriquecimento mútuo. “Palavras diversas podem manifestar um conteúdo idêntico”, “O ecumenismo ajuda os fiéis a descobrir as insondáveis riquezas da verdade”. “O ecumenismo autêntico é uma graça de verdade” (cf. Ut unum sint, nº 38).

### Enfoque proposicional das verdades da fé, um modo superado no Vaticano II

Antes desta reconciliação de Augsburg, católicos e protestantes delimitaram o conteúdo de sua fé usando anátemas. Nós, católicos, havíamos escolhido, e isto desde os grandes Concílios do século IV, expressar a fé sob a forma de proposições cada vez mais refinadas, proposições afetadas de um anátema! E se o crente não adotava estas proposições, estava fora da verdadeira fé.

Do século XVI ao Vaticano II, as proposições foram qualificadas como mais ou menos justas ou exatas pelo Santo Ofício, instância fundada em



1588 para proteger a fé. Felizmente, este funcionamento conduzido por um qualificador do Santo Ofício foi suprimido no Concílio Vaticano II. Já não se trata, depois do Concílio, de visar à claridade máxima da formulação de fé nem a uma univocidade dos enunciados da fé. O que é preciso crer firmemente e ter por verdadeiro é que aquilo que a Igreja católica ensina, pode doravante apresentar matizes na forma de expressar-se. Isto permite dizer que o que não coincide integralmente com a linguagem católica, por mais justa que seja, deve poder ser aceito. Antes do Concílio, cultivava-se a univocidade, agora, a unidade através da diversidade. Dizer que a doutrina é verdadeira porque a Igreja católica não pode enganar-se sobre a fé e os costumes, é um raciocínio que os luteranos não seguem. Seria, segundo eles, substituir a autoridade da Verdade pela verdade da Autoridade. Podemos concluir que o pensamento unitário é o inimigo do pensamento da unidade.

Deveremos portanto integrar Lutero, o que equivaleria a se tornar protestante?

Um historiador, teólogo católico, J. Lortz pensava que poderíamos integrar Lutero. Não, seria a morte! Não se fará complementaridade no campo ecumênico, como se acrescenta uma ala nova ou uma varanda na própria casa.

As duas teologias, luterana e católica, não podem coabitar, são incompatíveis no plano sistemático, mas são cristãmente legítimas. É legítimo para um católico aceitar o “simul justus et peccator”? Se a oposição foi frontal entre as duas Igrejas desde o Concílio de Trento até os anos 60, já não o é hoje. Constato simplesmente que a fórmula é correta e enriquecedora. Traduz para nós outro enfoque da salvação. Esta doutrina firme é constante em Lutero: “o cristão é pecador e justo” (Lições sobre a epístola aos Romanos e aos Gálatas – 1515-1517). Para Lutero, os que são justificados por Deus continuam sendo pecadores; isto significa que o batizado continua com a debilidade da “concupiscência”.

A posição católica fala, com razão, do batismo como supressão do pecado original e acrescenta que é dom da vida nova. Porém, este dom da vida nova, como efeito da graça sacramental é recebido definitivamente pelo batizado? Se retomamos a proposição de Lutero “simul justus et peccator”, ela traduz que se nos tornamos justos pela graça batismal, não ficamos no entanto, menos pecadores. A vida nova dada ao batizado é preciso reconhecer, não nos subtrai definitivamente ao pecado já que, efetivamente, voltamos a pecar. No pensamento católico somos ou justificado, ou pecador. Não podemos ser as duas coisas ao mesmo tempo... Se a transformação operada pelo batismo marca o fim do ser pecador, a liberação do pecado original, a passagem ao novo ser (Concílio de Trento, decreto sobre a justificação, capítulo 4), não somos, portanto, cristãos que pecamos?.

O teste decisivo da linguagem comum na oração

Condenamos Lutero sobre este “simul justus et peccator” e sobre “a fé somente sem as obras” Ora, podemos tirar proveito em compreender Lutero. Em parte, basta ver que nenhum texto católico de devoção parece afastar-se da atitude “ao mesmo tempo justa e pecadora”. Dizer que sou justa não seria a oração do fariseu? Igualmente, a devoção católica não se gloria demais das obras do crente. A piedade de Santa Teresinha do Menino Jesus nos esclarece a convergência que existe sobre a questão da justificação. De fato, esta convergência se expressa claramente no ato de oferenda de Santa Teresinha ao “Amor misericordioso do bom Deus”:

*“Não quero amontoar méritos para o céu, quebro trabalhar só por vosso amor, com o único fim de vos agradar... ao entardecer desta vida, aparecerei diante de Vós com as mãos vazias, pois não vos peço, Senhor, que conteis minhas obras. Todas as nossas justiças têm manchas ante os vossos olhos. Quero, pois, revestir-me de vossa própria justiça e receber de vosso amor a posse eterna de Vos mesmo”.*

Muitas orações da Missa refletem sentimentos análogos. Apesar das fórmulas dogmáticas que os separam, católicos e protestantes estão manifestamente muito próximos quando estão diante Deus com fé e falam a Deus com a oração inspirada pela fé.

### **Conclusão**

O ato de Augsburgurgo é uma promessa para os cristãos e para as culturas.

### Para os cristãos

Este ato mostra no plano doutrinal que a unidade não é uniformidade ou “uniformização”. Só obteremos resultados no plano teológico valorizando uma pluralidade de linguagem dogmática para expressar a catolicidade. A Igreja unitária é inimiga da Igreja uma. Quanto mais uma Igreja se concebe como uniforme e unitária mais ela se faz excludente. Como cristãos devemos ser capazes de formular diferenças. O catolicismo é uma maneira de ser cristão, mas o protestantismo e a ortodoxia o são também.

Este ato deve deixar aberto o campo da reflexão entre as diversas confissões cristãs. No que se refere, por exemplo, às tomadas de posição “definitivas” como a questão da ordenação das mulheres, é bom bloquear a discussão? Trata-se de continuar juntos, trabalhando a questão com serenidade. O ecumenismo requer muita humildade. Enfim, se existe pleno acordo entre católicos e luteranos, podemos esperar que este precedente se estenda aos diálogos com outras Igrejas.

### Para as culturas

É preciso sublinhar a riqueza que supõe o trabalho ecumênico para nossas sociedades. É um serviço que se lhes faz. Por quê? Nossas sociedades ocidentais atuais são individualistas. Todo consenso torna-se problemático. Cada um faz seu cardápio. Ora, há uma necessidade vital de consenso entre os estados. Augsburg mostra que os consensos são possíveis. Os estados deveriam poder pôr-se de acordo sobre os valores fundamentais.

D<sup>a</sup> Maryvonne PHILIPPON  
Instituto Superior de estudos Ecumênicos, Paris

*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

## ***A Igreja católica no movimento ecumênico***

### ***Necessidade do ecumenismo para a Missão***

Paris, 12 de setembro de 2002  
D<sup>a</sup> Maryvonne PHILIPPON  
Instituto Superior de Estudos Ecumênicos, Paris

Contei-lhes uma história feita de rupturas, tensões, hesitações, conversão e reconciliação. Esta história fê-las sentir que a busca da unidade cristã é uma riqueza para cada um de nós. Ela nos dá, se nos deixamos conduzir docilmente pelo Espírito Santo, uma compreensão mais profunda de nossa fé. Parece-me como uma certeza de que já não posso viver como cristã sem os outros cristãos. Um pastor batista numa conversa entre Paris e o mosteiro de Chêvetogne impressionou-me pela qualidade e

a audácia apostólica que o animavam. A profundidade da espiritualidade de um antigo professor ortodoxo russo me impressionou também fortemente em várias ocasiões quando o escutava na sala de aula. Algumas de minhas expressões também mudaram. Desde então digo que sou cristã de confissão católica. Esta mudança, por simples que seja, é quem sabe, um bom reflexo. Não posso deixar de insistir com uma forte convicção que o ecumenismo é uma necessidade vital no presente contexto. A missão que marcou o início do movimento ecumênico coincide com a nossa. Na situação atual, há urgência de uma nova qualidade de evangelização. Isto para a credibilidade do cristianismo.

### **Como enfrentar as novidades culturais que marcam nossas sociedades ocidentais?**

A situação atual:

Em todas as Igrejas, constata-se a erosão constante da prática religiosa e uma extensão significativa do agnosticismo na Europa. Até agora nem nossa teologia, nem nossa ética, nem nossa maneira de celebrar souberam enfrentar isso. Precisamos, pois, ser pacientes, humildes e inventivos.

A volta a Deus está marcada pela intolerância. O cristianismo perdeu-se muitas vezes em meio de uma busca de sentido confusa, da volta a Deus presente nas seitas, tanto quanto nos radicalismos (os talibãs)

Este continente se vê confrontado com conflitos étnicos cujo componente religioso se realça com facilidade. Conflito étnico: na Irlanda do Norte, na ex--Iugoslávia entre cristãos e croatas, sérvios e ortodoxos, muçulmanos eslavos, mas também as tensões na Ucrânia, Eslováquia, România, a propósito dos greco-católicos, a debilidade das relações mútuas entre Roma e Moscou, entre Moscou e Constantinopla chegando até a ex-comunhão temporária da Estônia. No que se refere ao cristianismo e às outras religiões: nós, cristãos, temos transformado o Profeta em Filho de Deus. Isto é um escândalo para os judeus e muçulmanos. São hostis conosco.

### **A evangelização é o teste de nossa vocação ecumênica**

A Igreja católica da França está para viver uma mutação delicada: a passagem a uma situação de minoria religiosa. Certamente, a declaração de identidade católica é ainda majoritária, mas a constatação se impõe: o catolicismo já não forma massa. Apaga-se progressivamente do horizonte cotidiano de nossa sociedade. Se ainda pode reunir o povo para algumas manifestações imponentes, vê também seus responsáveis esgotar-se para animar grupos que se debilitam sob a dupla pressão do individualismo e da indiferença. A constatação é irrefutável. Deve provocar o fechamento sobre si mesmo sobre um modo concreto de identidade? O que foi dito anteriormente tenta provar o contrário.

Qual é, pois, a oportunidade de uma minoria religiosa? A questão é difícil. Ter uma palavra para todos que possa dar vigor e esperança a todos. Converter-se incansavelmente a esta verdade que torna livre. Nossa Igreja está assim convidada a formar corpo com as outras Igrejas cristãs para dar ao mundo a imagem de um cristianismo unido, um rosto de Cristo não desfigurado e ferido pelas divergências. Já não é bastante o que o mundo pensa de nossos desencontros?

Neste novo contexto, não é preciso sonhar que graças ao ecumenismo, a Igreja aumentará numericamente o número de seus fiéis. Este era o objetivo da missão no século XIX, sob forma de concorrência. Hoje, com relação ao ontem, somos convidados a uma melhor qualidade da Evangelização. Parece-me difícil dizer qual pode ou o que deve ser a nova qualidade da Evangelização. Em todo caso será exercida com a confiança reencontrada entre todos os batizados. O ecumenismo, como vocês perceberam, sem dúvida, não consiste em regrar contenções, em cuidar de nossas relações externas, mas antes de tudo tornar-nos testemunhas credíveis em nossas sociedades. A credibilidade do cristianismo está principalmente em jogo.

### **Hoje, não só as diversas confissões são questionadas e desafiadas, mas o ser cristão.**

Que é “ser cristão?” É difícil dizê-lo em poucas palavras, mas tentaremos dizê-lo numa perspectiva ecumênica: é liberdade, verdade, dom e esquecimento de si, oração e confissão de Cristo ressuscitado, comunhão com nossos irmãos cristãos a serviço da encarnação de Deus na história dos homens.

O que não é: uma espécie de evangelismo ou o fascínio pelo homem Jesus, um sábio entre os sábios, um Jesus privado de transcendência. Esta figura reduz o cristianismo a um humanismo. Inversamente, um Cristo, privado de sua imagem de homem não ofereceria o risco de nos fazer fugir de nossa responsabilidade de servidores da encarnação de Deus e de seu compromisso pessoal com o mundo?

### **Perigos a evitar**

Fazer proselitismo católico (os ortodoxos nos acusam disto hoje com ou sem razão). Fazer proselitismo cristão, ou utilizar os mesmos meios que os movimentos sectários. Existe algo a este respeito nas palavras de João Paulo II em sua viagem ao México e aos Estados Unidos, em 1999 (documento pastoral do 22 de janeiro de 1999 *Ecclesia in America*, Documentação Católica 7.02.09 n° 2197). Ele adverte contra os perigos

do proselitismo. Não se pode, com efeito, esquecer a declaração de Vaticano II sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*): “Na difusão da fé religiosa e na introdução de costumes sempre se há de abster de qualquer tipo de ação que possa ter sabor de coação ou de persuasão desonesta ou menos correta, sobretudo se se trata de pessoas sem cultura ou sem recursos”. (D.H n°4)

Para concluir, vou citar uma passagem de um autor católico francês que resume a colocação do dia de hoje: “O diálogo opera em cada um uma abertura mais profunda a Deus através do outro. Um pelo outro, tornando-se um sinal que conduz a Deus”. Desta maneira, as duas partes estão obrigadas a ultrapassar os critérios externos de pertença a uma confissão, sem, no entanto, renegá-la, para chegar às raízes de sua adesão à fé, assimilada, encarnada em toda a sua existência. Trata-se, em suma, de passar ao plano da confessionalidade, de uma missão confessional, ao de uma autêntica confissão de fé. Assim entendida, a missão pode ser novamente o motor de um progresso ecumênico decisivo, no caminho traçado pelo último Concílio Vaticano II, de uma colaboração dos cristãos à causa de Cristo”. (Jacques Dupuis. Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso. Cerf. 1997. . 580). Estamos apenas a caminho juntos para a verdade e é o Espírito Santo quem nos fará chegar à verdade total ( Jo. 16. 1-3).

Obrigada à Irmã Marie-Geneviève Roux, às Irmãs que deram seus testemunhos, e a vocês todas por sua escuta e sua paciência, suas observações e perguntas suscitadas pela realidade por seus lugares de vida e de testemunho.

## Bibliografía

Decreto sobre o ecumenismo “Unitatis Redintegratio”.

Encíclica de João Paulo II “Ut Unum Sint” 1995.

Diário de um teólogo (1946-1956) « de Yves Congar, editado e apresentado por Etienne FOUILHOUX, Cerf 2000.

Livros sobre a Reforma de Lutero:

Marc LIENHARD, Martin Luther, A paixão de Deus. Bayard Éditions, 1999.

Gerhard EBELING, Lutero, Introdução a uma reflexão teológica, Labor et Fides. 1983.

LIENHARD, O Evangelho e a Igreja em Lutero, Paris, Cerf 1989.

LIENHARD, M. LUTHER, Um tempo, uma vida, uma mensagem, Paris. Genève 1983.

LORTZ.J., A Réforma de LUTERO. 2 volumes, Paris 1970.

D<sup>a</sup> Maryvonne PHILIPPON  
Instituto Superior de Estudos Ecumênicos, Paris

*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

# *Presença e impacto das seitas: os desafios pastorais*

Paris, 13 setembro 2002  
Padre Jacques LEFEBVRE  
*Padre de paróquia* (Diocese de Poitiers  
do grupo nacional “Pastoral, seitas e novas crenças”)

## *Introdução*

### Consideração sobre o fenômeno

Contemplando o horizonte desta manhã, tomei consciência da pluralidade dos Novos Movimentos Religiosos (NMR) e de sua amplitude.

“World Christian Encyclopedia” (Oxford University Press. 2001) identificou 9 900 religiões em nosso planeta, número que aumenta de 2 a 3 cada dia. As Igrejas cristãs independentes reúnem segundo a mesma fonte 394 milhões de pessoas, ou seja, 20 % do mundo cristão.

Precisamos levar a sério este fenômeno.

Precisamos conhecer a realidade daqueles que nos são mais próximos (fumar o cachimbo com o adversário), conhecer os centros de interesse, o vocabulário, os modos de ação.

Precisamos ir às fronteiras, sem medo, mas não sozinhos. Grupos de estudo ou de reflexão sobre este tema devem ser criados, em nível local ou mais largamente (secretariados nacionais na Europa, no Canadá, o CELAM Conferência episcopal latino-americana) com seu repertório de Igrejas e de seitas, as tomadas de posição do episcopado das Filipinas...

Mas é preciso reagir com as armas da luz, deixando ao braço secular a resolução dos conflitos no plano jurídico.

#### Duas atitudes de Cristo:

– Lc. 9, 49-50: *“Tomando a palavra, João disse: “Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome e o proibimos, porque não nos segue”. Mas Jesus lhe disse: “Não o proibais, pois quem não está contra vós está a vosso favor”.* O Mestre é de uma extrema tolerância.

– Lc. 11, 23: Num contexto semelhante, Jesus diz: *“Quem não está comigo, está contra mim; e quem não recolhe comigo, espalha”.*

São opiniões contrárias? Não. A primeira citação concerne às relações entre dois grupos: “você” e os outros. A segunda citação refere-se às relações com a pessoa de Cristo. Só se pode escolher por ou contra Cristo. Mas as duas atitudes de Cristo são a verdade e a caridade.

#### Referências

– As seitas ou movimentos religiosos: Desafio pastoral (Documentação Católica de I de junho de 1986). É o relatório de uma pesquisa de 4 dicastérios romanos: Unidade, não-cristãos, não-crentes, cultura. O vocabulário respeitado é sempre atual.

– Relatório do Cardeal Arinze e de um cardeal por continente, ou no consistório extraordinário de 1991 (Documentação Católica de 19 de maio de 1991). É uma repetição e uma atualização do relatório precedente.

– Documento do SCEAM (Simpósio das conferências episcopais da África e de Madagascar) em preparação ao Sínodo das Igrejas da África (Documentação Católica de 15 de novembro de 1992).

### **A. NECESSIDADE COMUNITÁRIA**



## 1. Situação

As comunidades naturais, as rurais, sobretudo, tradicionais, estão hoje desarticuladas em muitos países: Famílias desfeitas, aglomeração de população, refugiados, urbanização galopante. As grandes instituições têm dificuldade para funcionar, as Igrejas “históricas” têm dificuldade em dar sentido a tudo isto.

Daí a necessidade de comunidades novas, com perfil humano, onde cada um pode ser reconhecido: um espaço social ao qual se adere por escolha livre, com proteção, segurança psicológica, solidariedade, e uma forte relação interpessoal. Aí se pode rapidamente assumir responsabilidade.

Há uma busca de calor humano, de pertença, de aproximação e de refúgio.

Entra-se numa “seita” primeiramente por razões afetivas, o enraizamento doutrinal vem depois. Isto vale também para as pessoas em situação de sucesso social, mas que apresentam uma fragilidade interior (luto, divórcio...).

## 2. Os Novos Movimentos Religiosos (NMR) parecem:

oferecer pequenas comunidades calorosas, unidas em torno de um mesmo ideal ou de uma mesma pessoa (guru). Nomes de grupos se formam sob um tema familiar: pai, mãe... a arca... O “love-bombing”, bombardeio de amor é requisito para acolher novos membros.

Procede-se assim a uma re-socialização de indivíduos marginalizados, divorciados, por exemplo. As pequenas Igrejas não romanas colocam como “abertura” a possibilidade de novos casamentos para conquistar novos fiéis.

A proximidade dos “pastores” rapidamente formados (entre os ciganos na França, por exemplo) e próximos culturalmente, é um trunfo para a coesão dessas comunidades.

Dois exemplos:

1) Uma paroquiana entra para os Testemunhos de Jeová. Por quê?

Nos grandes imóveis, os vizinhos de apartamento... não se conhecem. A saída das Missas é fria e impessoal. Nessa nova cidade, encontro 30 irmãos ou Irmãs, tratam-se por tu... Sinto-me bem, diz ela. O que concerne as escolhas bíblicas próprias das testemunhas de Jeová virá depois..

2) David, com roupas arrumadas e cabeleira rastáfari, adepto da seita Mungiki au Kenya (Cf. Correio Internacional, África, sexta-feira 19.10.2001).

“Você também, era mau quando pequeno? pergunta-me David. Este adolescente de 17 anos – que passou sua infância nas ruas de Nairobi a roubar bolsas – tem por parentes, não mais que os outros sessenta rapazes e algumas moças que se encontram na fazenda de Nyandurrua. Seus pais foram assassinados em 1992, durante um conflito étnico de caráter político, dirigido contra os Kikuyus, a principal etnia do Quênia (cujos dirigentes são freqüentemente hostis com o presidente Daniel Arap Moi da etnia kalenjin). Totalmente só, David fez a pé os 200 quilômetros que o separam da capital, onde vivia na rua. “Eu não sentia nada, diz com um riso incômodo. Com a cola que eu tragava, ficava longe do mundo”. Até quando a polícia o prendeu, colocando-o num orfanato.

A nova vida de David começou, então. Membros da seita Mungiki cuidaram dele levando-o para sua fazenda, em Nyandurua, um dos numerosos lugares do país, onde vivem em comunidade, segundo um princípio igualitário. Sem Mungiki, a cola ou uma bala da polícia teriam me acabado, diz David. “Mugiki me transformou. Comecei a sentir o calor de Deus e tornei-me um ser humano”.

Mungiki é um dos movimentos mais estranhos da paisagem política e religiosa no Quênia. A seita milita nos planos social, político e espiritual. Os jovens marginalizados da etnia kikuyu, que são bastante pobres e cheios e mágoas da elite política corrompida, se revoltam. Muitos dentre eles buscam o refúgio na religião. Na frieza das igrejas, não se sentem em casa.

Os NMR têm entre eles suas grandes concentrações, reuniões, “cruzadas”, convenções, assembléias de distrito, etc... São oportunidades para suscitar o dinamismo das comunidades locais e para mostrar ao mundo sua força, bem como uma ocasião de proselitismo para uso interno e externo.

Por exemplo:

- As “grandes-missas” do Edir Macedo, (Igreja universal do reino de Deus) no Brasil, rivalizam com a aglomeração na visita do Papa.
- A Winners’ Church (Igreja dos vencedores) fundada em 1989 em Lagos (Nigéria) por David Oyedepo tem o maior auditório de todas as Igrejas africanas. “A prosperidade é reconhecida no mundo inteiro como o sinal distintivo de nosso culto”.

Enfim, encontram-se ao mesmo tempo um trabalho de formiga e os técnicos do show de negócios, com os valores próprios a cada maneira de fazer.

Não demos atenção ao falso critério do número. Não se tem em vista condenar, mas talvez aprender algumas lições.

### 3. Desafio pastoral

Incide ao mesmo tempo sobre a organização, as estruturas de nossa Igreja, e sobre um espírito a ser posto em ação.. Isto, logicamente, nas paróquias que ainda são o lugar mais amplo de contato com a população.

Ora nossas paróquias são freqüentemente massificadas, impessoais, em centros urbanos, em prejuízo das pequenas comunidades rurais ou das comunidades do quarteirão, porque tudo parece circular em torno dos padres muito pouco numerosos. Este centralismo gera a morte , mesmo dando a ilusão de vida por causa das assembléias numerosas.

Precisamos criar laços mais próximos dos lugares de vida do povo (cf. a experiência das comunidades de base na América do Sul), suscitar responsabilidades leigas no local (cf. os catequistas, chefes da cidade, na África), valorizar as assembléias cristãs mesmo sem missa. Ali se alimentam calorosos laços humanos, ali o Cristo está presente.

Grandes encontros episódicos vão abrir para o sentido do universal. O importante é sem dúvida o vai-e-vem entre grandes encontros e as pequenas comunidades. Podemos pensar nas Jornadas mundiais da juventude (JMJ) preparadas pelas catequeses em pequenos grupos. Dinamizados por esta experiência, os jovens ousam afirmar-se cristãos em seu liceu.

A qualidade da vida fraterna deve ser reforçada nas comunidades cristãs. Precisamos ver mais a paisagem interior das pessoas que sua situação social e encontrar meios de exprimir esta vida fraterna: pequenos serviços, almoço em comum (piquenique), os "bisouphiles" da Renovação... Precisamos igualmente cultivar "aceitação, compreensão, reconciliação", apoiar aqueles que estão com problemas particulares.

É preciso valorizar a pertença batismal, a escolha da vida cristã, mesmo se ela não chega a uma prática eucarística regular ou ao sentido do ano litúrgico. Precisamos acolher as atitudes quase catecumenais, no próprio seio de nossas comunidades constituídas.

Tudo que acabamos de dizer não são receitas, mas orientações evangélicas, fora mesmo do contexto dos NMR.

## **B. FORMAÇÃO**

### 1. Situação

Há muito tempo observa-se no mundo, a falta de formação religiosa como “uma chaga aberta no coração da Igreja”. Cada vez mais encontramos “católicos não evangelizados” (Filipinas), batizados não catequizados (França), e que, entretanto, buscam respostas e soluções. É o terreno onde prosperam as NMR.

Pode-se comparar esta situação com a atitude dos missionários na África do Oeste, com relação às pessoas simplesmente “islamizadas” pela escolha de um nome muçulmano.

## 2. Os NMR parecem:

Oferecer respostas simples e prontas às questões e situações complicadas; versões simplificadas e parciais das verdades e valores tradicionais; uma teologia pragmática, uma teologia de sucesso, uma teologia sincretista proposta como “nova revelação”; “uma nova verdade” para as pessoas que, muitas vezes, pouco conhecem a “velha” verdade; diretivas bem programadas; um apelo a uma superioridade moral (os “puros”, cf. os Testemunhos de Jeová e os excluídos); provas de elementos sobrenaturais (glossolalia, transe, profecias, possessão...)

Os pastores pregam com a Bíblia na mão, referindo-se sem cessar a tal ou tal texto. Os assistentes trazem sua Bíblia, e sublinham as passagens durante o sermão... O ato de se referir totalmente à Bíblia, muitas vezes é um pouco fútil, por exemplo, para a teologia da abundância, para o “dispensacionalismo” (fim da 6ª idade, espera de mil anos do reino de Cristo). Entretanto a repetição é tão sistemática que acaba obtendo grande crédito. Os membros destes grupos novos se consideram como “cristãos bíblicos”, por oposição aos outros cristãos, especialmente os católicos.

## 3. Desafio pastoral

Com que espírito? Devemos alegrar-nos com a sede espiritual ou religiosa que se manifesta através dos NMR, reconhecer os progressos interiores que as pessoas fazem nesses grupos.

A necessidade de formação tornada mais urgente pela existência dos MNR não é, entretanto, devida apenas a esta conjuntura.. Não se reduz apenas à dimensão bíblica dos NMR. A Igreja deve preocupar-se também com as dimensões econômicas, sociais etc... Nossa tradição propõe todo um leque de vias de acesso à vida espiritual: meditação, vida comum, vida dos santos. Nosso projeto deve ser positivo e não defensivo.

Dois exemplos:

- As correntes agnósticas (Rosa-Cruz) tratam muitas vezes nossa Igreja de “esotérica”, sensível ao exterior. Elas conhecem a tradição carmelitana? (João da Cruz, Teresa d’Ávila) Podem sentir-

se em afinidade com Angelus Silesius, SJ, século XVII. “O querubim errante”: “Cristo pode nascer mil vezes em Belém, mas se não nascer no teu coração, para nada serve”.

- As Testemunhas de Jeová se apresentam com alguns versículos longamente trabalhados, com respostas previstas para as objeções... Respostas adaptadas existem em numerosas obras denunciando seus erros de interpretação, mas são inúteis para não especialistas no momento mesmo de suas visitas. É preferível ter você mesmo com que “atacar” a propósito de sua única Ceia (no Memorial da Quinta Feira Santa) onde, mesmo aí, ninguém comunga (reservado aos ungidos, isto é, aos 144 000) embora Jesus tenha dito: “tomai e comei”.?

Descobrimos aí que para saber situar-nos face aos NMR, é importante estar bem informados sobre suas práticas, seu vocabulário, aquilo pelo qual podem seduzir.

Resta que o lugar da Sagrada Escritura é extremamente importante e que a Igreja deverá centrar-se mais sobre ela, senão daremos a impressão de não levá-la a sério, o que, na África hoje, e na América Latina, parece ser a mais dura reprovação que se possa fazer a um cristão.

É preciso organizar cursos bíblicos em todos os níveis para explicar o que é a Bíblia e como utilizá-la, para mostrar em que sentido é inspirada, em que sentido é verdadeira, por que tem autoridade. Que a leitura fundamentalista da Bíblia não venha a ser considerada como norma cristã de leitura já que é um enfoque perigoso e sedutor ao mesmo tempo.( Cf. O juízo severo da comissão bíblica pontifícia, em seu documento sobre a interpretação da Bíblia na Igreja) (Documentação católica de 2 de janeiro de 1994, p. 26 a 27).

“ Deve-se enfatizar as apresentações mais acessíveis da doutrina bíblica. Os novos grupos cristãos investem muito em panfletos e pequenos livros, desenhos animados, revistas sobre a Bíblia, tudo isto barato e muitas vezes com uma apresentação muito linda. Os pobres e aqueles que vêm aprender a ler devoram este gênero de publicação de ampla difusão...”, enquanto nossa literatura católica se dirige sobretudo ao público letrado. É no campo da literatura bíblica popular que somos os mais fracos.

Observemos os esforços de tradução em linguagem simples (por exemplo, em francês fundamental para os não francófonos de nascimento) e edições com explicações acessíveis (a Bíblia do povo de Deus. Imprimatur de Kinshasa) bem como o trabalho em comum das grandes confissões sobre a Bíblia (traduções ecumênicas, difusões).

Enfim, é preciso ampliar mais e melhor os meios de comunicação social, investir meios e pessoas nesta área. Por exemplo: catequese em transístores.

## C. IDENTIDADE CULTURAL

### 1. Situação

As mudanças culturais provocam um sentimento de angústia.

Em muitos países, a sociedade se encontra dissociada dos valores culturais, sociais e religiosos tradicionais, e o mesmo ocorre com os crentes. Cada um busca então expressar sua identidade profunda. As particularidades étnicas querem afirmar-se ou reafirmar-se, mesmo quando, de fato, toda uma gama de realidades particulares revela ser bastante universal, devido à modernização. A interdependência em nosso mundo pode ser uma das causas desta universalidade. Já não estamos sob o regime “regio = religio”. As estruturas despersonalizantes da sociedade ocidental, exportadas para o mundo, criam numerosas situações de crise, nos níveis individual e social. As seitas seriam um “laboratório de futuro”? (Paul Ariès, a propósito da “Cientologia”).

### 2. Os NMR parecem:

oferecer bastante espaço à herança religioso-cultural tradicional (de antes da colonização) à espontaneidade, à participação, a um estilo de oração e de pregação estreitamente associada às características e às aspirações do povo, a uma resposta à sede de cantar, de bailar, de sentir emoções, a uma capacidade de invenção e de novidade.

A aparência de grupos religiosos indígenas é às vezes enganosa, nos grupos de fato tele-orientados do estrangeiro. E isto não acontece somente no terceiro mundo. Assim, grupos hinduístas buscam apresentar-se como monoteístas no Ocidente cristão, e os NMR que se difundem na Rússia têm muita dificuldade para respeitar as tradições e a sensibilidade ortodoxa deste povo.

### 3. Desafio pastoral

Apresenta-se primeiramente em nível da liturgia, desafio de uma inculturação e de uma encarnação com êxito. Nossa liturgia latina está marcada por um caráter de paz (benedictina) com sua expressão cerebral (poucos gestos) e... sua tristeza.

Vaticano II pede uma liturgia participativa: “deve se dar lugar à criatividade alegre, para crer na inspiração cristã e na capacidade de invenção”. Pede igualmente rever o modelo clássico da liturgia dominical, muitas vezes estranha à vida do povo. Que nosso cristianismo seja mais simples, integrado nos diversos aspectos da vida cotidiana. Não se trata de calcar as formas de expressão sobre as dos NMR, mas de responder profundamente às aspirações de cada povo. Que cada um possa reconhecer-se plenamente em casa na liturgia.

Isto é verdade também para a catequese. Diz-se em pedagogia que para ensinar latim a João, não basta conhecer o latim, é preciso também

conhecer João e que o conhecimento da mensagem a transmitir vá acompanhado de uma grande atenção ao destinatário em sua identidade cultural: língua e linguagem, psicologia, relações sociais, etc...

Mas a preocupação com a inculturação não deve acabar pondo em um mesmo pé de igualdade todos os enfoques religiosos. Cf. A exposição do Cardeal Tonko no sínodo de 1991 sobre alguns teólogos índios. Documentação católica de 19 de maio de 1991, p. 484.

## D. UM EXEMPLO: A CURA

### 1. Situação

- Um desejo universal de saúde e de cura.
- Uma medicina científica oficial, eficaz, mesmo se “não faz milagres”. Com frequência de difícil acesso (distâncias, preços ...). Criticada como “impessoal”, analítica, pelas correntes da Nova Era.
- As medicinas tradicionais (chinesas...).
- As medicinas paralelas, geralmente atentas a “todo homem” (físico, psicológico, ao aconchego familiar e social).
- Os Charlatões... Na França, muitos grupos terapeutas são considerados como seitas: “falsos médicos ou psicólogos” seduzem os clientes a partir de remédios «milagres»
- Os “marabutos” que curam (curandeiros) se você se toma “muçulmano”.

Jesus exerceu um ministério de cura (25 curas) e também deu sentido ao sofrimento.

A igreja na liturgia reza pelos doentes (sacramento dos enfermos) e conhece pessoas (vida dos santos) e lugares de cura (Lourdes...).

### 2. Os NMR parecem:

oferecer um grande desenvolvimento aos carismas de cura, exercidos em larga escala (Osborn...) em cultos especializados, sabiamente orquestrados, preces fervorosas, testemunhos rápidos, duráveis, instrumentos de autenticação do grupo e da propaganda. Por exemplo: recolhimento diante dos meios de comunicação de um saco de óculos de pessoas que se dizem curadas..

NB: O Senhor pode dar sinais de sua ternura sem, no entanto autenticar o grupo (cf. Milagres na Meca).

O Espírito sopra onde quer...

### 3. Desafios pastorais

A igreja deve imitar este **entusiasmo** recente?

A renovação carismática volta a valorizar os carismas refletindo sobre eles e exercendo-os. A igreja deu orientações sobre práticas ambíguas:

- repouso no Espírito não deve ser buscado como tal (fica-se em paz, mas é o Espírito que nos mantém de pé);
- celebração para enfermos com unção de óleo por leigos. O exercício do carisma de cura atrai as multidões (Pai Tardif, Raymond Halter, Irmã Bridge...), mas não se deve criar “curandeiros” titulados.

Recentemente, “Roma enquadra os carismas de cura” após uma reflexão sobre os aspectos doutrinários. É necessário que haja normas ou disposições disciplinares. Cf. La Croix de 24 de novembro de 2000, p. 16: A Instrução da Congregação para a Doutrina da fé “sobre as orações para obter de Deus a cura” conclui com algumas “disposições disciplinares”:

**“Art. 4:** ...A autorização deve ser explícita, mesmo se as celebrações são organizadas ou contam com a participação de Bispos ou cardeais...

**Art. 5:** ...Evite-se cuidadosamente qualquer tipo de confusão entre estas orações livres não litúrgicas e as celebrações litúrgicas propriamente ditas. Ainda é necessário, que durante seu desenvolvimento não se chegue, sobretudo, por parte de quem os dirige, a formas semelhantes ao histerismo, à artificialidade, ao teatro ou ao sensacionalismo...

**Art. 9:** Os que orientam as celebrações de cura, litúrgicas ou não litúrgicas, devem esforçar-se por manter na assembléia um clima de serena devoção e usar a prudência necessária se ocorre alguma cura entre os presentes. Concluída a celebração, poderão recolher com cuidado, simplicidade e precisão os eventuais testemunhos, e submeter o fato à autoridade eclesial competente”.

Na prática, saibamos reter o que é próprio:

- da cultura: conhecer o valor das práticas do país,
- dos erros: denunciar os abusos,
- do sopro do Espírito, reconhecido na Igreja.

A modo de conclusão, se queremos discernir o que procede ou não do Espírito, vejamos se a liberdade e a catolicidade da Igreja são respeitadas.

## 1. A liberdade



Deixei de lado as técnicas de recrutamento e de doutrinação propriamente sectárias: coação psíquica (isolamento total, falta de sono e de alimento, palavras repetitivas, falta de tempo para si mesmo...), ou ainda manipulação mental ou abuso de fraqueza (saunas prolongadas, bajulação ao(s) líder(es) ao mesmo tempo que um estado de exaltação espiritual e de consciência debilitada. Estas técnicas são sobretudo um fato nos grupos onde existe uma vida comunitária, ou grupos neopagãos. Em menor grau são utilizados pelos grupos de origem cristã que vocês encontram com mais frequência.

No ensinamento das testemunhas de Jeová, alguns artigos da "Torre de Guarda" (Watch tower) foram cortados em parágrafos com questionários, lidos, estudados, sublinhados em casa, relidos, em público, no culto dominical. Do mesmo modo questões e respostas com gráficos da resposta certa... mas jamais questões na assembleia. É a pedagogia da repetição.

Trata-se de velar sempre pela liberdade individual (conversões, vocações) e coletiva (cf. Vaticano II: *Dignitatis humanae*, declaração sobre a liberdade religiosa, especialmente § 2, retomando a declaração universal dos direitos humanos, artigo 18).

## **2. A catolicidade da Igreja**

As seitas nascem e morrem, ou vegetam depois da morte do fundador. Cf. a sabedoria de Gamaliel (At. 5, 34-39). Difícilmente, uma pessoa de fora faz alguém sair de uma seita. Mas alguns adeptos percebem por si mesmos as debilidades de seu grupo e se dispõem interiormente a deixá-lo. A acolhida destas pessoas, seu acompanhamento psicológico e espiritual são então muito importantes. O sinal de uma vida religiosa aberta é, pois, bem-vinda para reintegrar a grande Igreja, salvaguardando os valores vividos anteriormente, por exemplo: o gosto pela Bíblia, pela oração espontânea. Trata-se de fazer viver a dimensão católica de nossa Igreja, na qual encontramos o "holismo" (holos = todo inteiro, em grego) tão caro à Nova Era "New Age"), isto é, não somente todo homem, mas o homem todo.

Dois exemplos históricos de fundações, um mais antigo, e outro mais recente mostram que a Igreja trata sempre de discernir o que vem do Espírito.

– Os inícios da família franciscana puderam causar estranheza no século XIII. Francisco de Assis, um jovem "blusão dourado" distribui toda sua roupa aos pobres e atrai um certo número de discípulos. Sua preocupação será fazer reconhecer sua regra pelo Papa. O que fez Inocêncio III. Hoje há mais de 30000 franciscanos.

– Hoje, a comunidade São João (cf. Yves-Marie Blanchard, em O ano canônico, Tome 36, 1993) foi caracterizada por um sentimento de identidade fortemente afirmado, baseado no lugar privilegiado do discípulo amado. A espiritualidade desta comunidade se apóia principalmente nos dois versículos evangélicos seguintes:

Jo. 19, 35: *“Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro”*.

Jo. 20, 8: *“viu e creu”*

Mas a primazia de São João poderia parecer dar um certo descrédito a Pedro, que não havia compreendido nada no Lava - Pés, está ausente na Cruz, foi precedido no sepulcro no dia da ressurreição... Felizmente, um pouco mais tarde, a comunidade completou sua espiritualidade citando o capítulo 21 do evangelho de João. Este teve por consequência equilibrar sua identidade “joanina” bastante afirmada neste capítulo. Pedro é reconhecido em sua autoridade a partir do valor de seu amor.

Então, a Igreja acolheu este grupo e reconheceu sua teologia.

Para terminar, digo-lhes:

*“Continuem trabalhando em sua própria realidade,  
mantenham a preocupação com o diálogo.  
alegrem-se de ser da grande Igreja!”*

Padre Jacques LEFEBVRE  
Padre de paróquia (Diocese de Poitiers)

*Sessão Missionária Internacional  
Setembro de 2002*

## ***A Missão ad Gentes***

### ***Evolução do conceito e da realidade,***

## *durante os últimos 30 anos*

Paris, 14 de setembro de 2002  
Sr. Pierre Diarra  
OPM – Cooperação missionária

### *Introdução*

Quando entrei na escola, em Mali nos anos 1960, **missionários vindos da Europa**, missionários da África ou Padres Brancos, implantaram o cristianismo na diocese de San. Ser cristão na minha cidade significava essencialmente participar da recitação do terço todas as noites, da oração do domingo (em geral sem padre), melhorar as relações com nossos semelhantes, receber periodicamente os sacramentos, em particular confessar-se e receber o corpo de Cristo por ocasião das grandes festas. Era preciso então se deslocar para o lugar de reunião, no setor, a uma dezena de quilômetros ou decididamente à "missão", a trinta quilômetros. É preciso ganhar seu céu, e isto, à custa de privações (não beber antes da missa não comer carne às sextas-feiras, limitar-se a uma mulher, não repudiá-la e pegar outra...). É preciso saber suportar os sofrimentos aqui na terra. Pouco depois nomearam um Arcebispo negro em Bamako, a 04.04.1962, por ocasião da ereção de outras dioceses como a de de Ségou (04.04.1962), de Kayes (1963), de San (1964) e de Mopti (1965). **Implanta-se a Igreja e ela será africana.**

Alguns catequistas e seminaristas, futuros padres autóctones, estavam em formação, orações estavam sendo traduzidas em língua vernácula, havia-se elaborado um catecismo com perguntas e respostas e logo mais os tambores entrariam nas Igrejas. A missão estava dando uma guinada importante, segundo o desafio "Ad Gentes", sobre a atividade missionária da Igreja, (assinado pelos Padres do Concílio a 7 de dezembro de 1965).

O modelo de uma Igreja, considerada como essencialmente missionária e apresentada como povo de Deus em marcha encontra sua expansão clássica no texto do concílio Vaticano II Ad Gentes. Este texto nos remete à Constituição dogmática Lumen Gentium onde se diz claramente que a Igreja é enviada para ser "o sacramento universal de salvação". Há, pois, uma unidade da missão, uma finalidade, uma definição de missão, pois as diferentes formas de atividade missionária emanam da missão **única da Igreja**. A Igreja caminha progressivamente para a plenitude católica para ser corpo de Cristo, implantando-se entre os povos "não cristãos". O que se faz então da revelação natural, de todas as riquezas espirituais dos povos?

## 1. O que vai mudar?

Os missionários, homens e mulheres, vão continuar atravessando o mundo. Vão continuar anunciando o Evangelho e, como antes do Concílio, haverá conversões nos cinco continentes. Mas, o que vai mudar? Digamos para resumir que os diferentes povos e as diferentes culturas do mundo vão ser para sempre levadas em consideração, com uma certa **responsabilidade** concedida a esses povos para o futuro do cristianismo neles. A descolonização, a acolhida ao Vaticano II, as novas orientações missionárias e Evangelii Nuntiandi vão provocar **mudanças** na maneira de evangelizar. Os diferentes aspectos da missão Ad Gentes vão tornar-se claros no decorrer dos tempos e segundo os continentes. A missão vai apresentar-se como **libertação, protesto** a partir de América Latina, como **solidariedade e globalização** a partir de América; apresentar-se-á como **inculturação** do Evangelho a partir de África; a partir de Ásia, a evangelização situar-se-á entre **harmonia e diálogo**.

Poder-se-ia esquematizar dizendo que há dois grandes períodos: **1965-1985**, período durante o qual a Igreja se volta mais para Cristo para orientar a Evangelização; ela mesma se apresenta como “sacramento de salvação” e se interroga sobre o conteúdo do kerigma. Neste cenário aparece Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo moderno. Aqui, é importante evangelizar - não de maneira decorativa, como por um verniz superficial-mas de maneira vital, em profundidade e até em suas raízes, a cultura e as culturas. É preciso articular acolhida ao Evangelho, recepção da salvação, promoção humana, libertação, etc., sem confusão nem separação.

O segundo período, **1985-2000**, se abre com a questão do diálogo inter-religioso que relança a reflexão missionária. Há no mundo enfrentamentos à dimensão religiosa, mas também iniciativas de diálogos inter-religiosos (Sentar: estar juntos para rezar). A Igreja se descobre, com relação ao mistério trinitário, “sacramento da união íntima com Deus e da unidade do gênero humano”. Neste período se publicam *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990) e *Diálogo e Anúncio* (19de maio de 1991).

### Ad Gentes, um texto forte

A revelação natural precede a missão através da qual se efetua depois a revelação de Cristo como modelo verdadeiro da humanidade. Ad Gentes situa o desafio missionário na perspectiva escatológica da marcha para o **Reino de Deus**. O desafio conciliar define a missão como “manifestação do designio de Deus, sua realização no mundo e sua história” e afirma que a Igreja, em sua peregrinação terrena, é

missionária por natureza, se origina da missão do Filho e da missão do Espírito, segundo o desígnio de Deus Pai (AG, 2).

Esta dupla perspectiva teológica e eclesiológica está bíblicamente fundamentada a partir da noção de **envio** que está no coração do Novo Testamento e da Antiguidade cristã. Esse envio pode ser interpretado como princípio de uma dupla colocação em movimento: movimento para Deus cuja fonte é o próprio Deus quando envia seu Filho e o Espírito Santo, e movimento da Igreja que, por sua vez, envia homens e mulheres pelo mundo para **dar testemunho** em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os missionários, inclusive os catequistas, têm consciência de ser enviados.

### Descolonização e autonomia das Igrejas jovens

É importante recordar o contexto e as mudanças sócio-culturais. Com efeito, a URSS se converte numa potência de primeira ordem, e difunde na Ásia e inclusive por todo o mundo, laicismo, ateísmo e anticristianismo, provocando sedução, confusão e desequilíbrio. Alguns países permanecem fechados à missão: Arábia Saudita, Afeganistão, Tibet, Bhoutan. A missão se espalha na China, Coréia do Norte, Vietnã do Norte. Assistimos a um declínio dos regimes coloniais: os impérios europeus saem lesados e debilitados dos conflitos que os opõem uns aos outros durante as duas guerras mundiais. Os países europeus enfraquecidos reduzem sua **contribuição financeira para a missão**, e há uma diminuição do interesse pelas missões na Europa como nas colônias. Os leigos participam mais do que nunca do trabalho missionário: pensem no trabalho inestimável dos catequistas na África. Pouco a pouco se inicia um tímido compromisso por parte das antigas potências coloniais e dos países industrializados em favor do desenvolvimento das colônias, e já há disputa de influências. Lembramos que as revoltas nas colônias e as transformações ocorridas no sistema internacional (a oposição dos Estados Unidos no colonialismo e a perda de influencia dos países europeus) haviam desencadeado o processo de descolonização que durará de 1947 a 1960.

### Missão pós-colonial

Soo o fim da missão de época colonial e alguns países, novamente independentes, vão voltar-se para os países do Leste e assumir atividades missionárias embora ainda muito mais difíceis: Há uma onda de laicismo e de **comunismo** (Benin, Togo, Guiné, Mali, Congo). Muitas missões estão condenadas a desaparecer: a instrução, por exemplo, passa às mãos do Estado em alguns países. Tudo vai depender mais dos **autóctones** que dos missionários estrangeiros. A autonomia das "Igrejas jovens" é favorecida com a chegada de padres autóctones. Assim, em 1956, a Diocese de Koupea (Burkina Faso/Alto Volta) é a primeira diocese da África francesa confiada ao clero autóctone, com Dom Dieudonné Yougbaré como 1º bispo. No mesmo

ano, sagra-se o 1º bispo congolês, Pierre Kimbono, auxiliar de Kisantu (antigo Zaire) e 1º bispo do Nyassaland. Em Ruanda, um bispo negro (Dom Bigirumwami, vigário apostólico de Nyundo) sagra um padre branco (André Perraudin, padre branco, vigário apostólico de Kabgayi). Uma hierarquia local assume pouco a pouco o comando.. As organizações missionárias que permanecem sobre o terreno entram numa nova fase: seu papel e seu estatuto se modificam, sua função evolui, seus motivos para a ação se purificam. A crise da expansão européia significa também uma crise dos métodos e das teologias missionárias. **Missionários europeus** são expulsos em grande número de certos países, como a Guiné Conakry; daí os **missionários africanos**.

### Novas orientações do movimento missionário

Haverá mudança nos motivos, nas orientações e nos objetivos do movimento missionário. Antes do Vaticano II, os missionários insistiam na necessidade de salvar as almas por meio da **conversão individual**; este é sem dúvida o primeiro motivo de aceitarem ser **enviados** em missão. O que se põe antes de tudo são as conversas pessoais, a obediência às leis da Igreja, principalmente a prática pessoal dos sacramentos. Esta conversão concerne ao coração ou às pessoas (segundo as escolas missiológicas ou espirituais): está baseada na Bíblia e se traduz pela prática do amor. A constituição de comunidades cristãs vivas, organizadas vem depois.

O segundo motivo concerne à Igreja: é preciso **plantar e fazer crescer**, estabelecer uma hierarquia, comunidades e clero autônomo, criando Igrejas nacionais, indígenas e vivas, ou preparando terreno onde o Evangelho possa enraizar-se.

O terceiro motivo, é o desejo de colaborar na obra de Deus e ampliar seu Reino. Há uma só missão, na qual participamos como colaboradores de Deus (1.Co 3,9; 3 Jo. 1,8). O Reino de Deus considerado ao mesmo tempo como o objetivo e o fim da Criação e da Revelação, constitui o essencial da mensagem bíblica e deve, por conseguinte, estar no centro da ação missionária. Trata-se, pois, de levar a conhecer Jesus, sua Palavra e sua obra messiânica, de colaborar com seu Reino, a fim de fazê-lo progredir.

Enfim, os missionários querem cristianizar e melhorar as diferentes sociedades: levar a cabo uma obra cultural, desempenhar um **papel civilizador purificando os povos** das religiões autóctones ou também se esforçar nos campos da agricultura e da saúde. É o quarto motivo. É preciso notar aqui que uma exigência de compreensão da mensagem evangélica e do diálogo com as culturas vem a unir-se, inclusive substituindo a exigência de conversão individual. Mesmo se neste contexto se defende uma cristianização dos povos em harmonia com suas respectivas especificidades, tem-se a tendência de considerar a cultura ocidental como a expressão do Reino de Deus. Com freqüência a missão tem sido parte integrante da expansão cultural dos povos euro-americanos; alguns missionários vão se sentir mal diante de certas

orientações do Vaticano II e diante de certas críticas dos autóctones, principalmente as que vão tratá-los como aliados dos colonos.

### Uma mensagem cristã aberta

Progressivamente, os missionários e seus colaboradores vão desligar-se de certa prática de “coação” e desenvolver métodos de **persuasão** mais respeitosos das populações a que se dirigem (algumas pessoas sofreram humilhações porque não haviam obedecido a um preceito cristão, como ir à oração no domingo). A mensagem cristã vai abrir-se à **cultura** dos povos; esta cultura vai ser menos violada: a missa vai ser rezada nas línguas locais; o latim já não é obrigatório. Vai-se renunciar a importar costumes sociais ocidentais, mesmo quando se continua crendo que “evangelizar” significa também “civilizar”. A questão permanece: que civilização e que sistema econômico são favorecidos pelo Evangelho? Este último é incompatível com o tráfico de escravos, mas também com **toda escravidão**, qualquer que seja sua forma. Como responder ao mandamento de Cristo e levar em conta as circunstâncias do momento? Uma reflexão sobre a missão será feita com a ajuda dos estudos bíblicos.

O envio de Deus, a **missio Dei**, significa ao mesmo tempo, que a missão depende de Deus e lhe pertence, desde sua origem até seu término, e o próprio Deus o seu agente, Ele que, como Pai, envia seu Filho e seu Espírito, segundo a perspectiva dos capítulos 16 e 17 do Evangelho de João. O envio da Igreja, a **missio Ecclesiae**, designa ao mesmo tempo o envio dos homens e das mulheres por outros homens, envio feito pela Igreja. Isto é expresso por São Paulo, no início da Carta aos Romanos (1, 5): *“Por Jesus Cristo, nós recebemos a graça de ser apóstolo para levar à obediência da fé, à glória de seu nome, todos os povos pagãos dos quais vós também fazeis parte, vós que Jesus Cristo chamou”*. Está claro que a Igreja entra no “seguimento” de Cristo; a missio Dei orienta em certo modo a missio Ecclesiae e não o contrário. A Igreja não vai mais ser percebida como lugar de salvação, mas o sacramento (concepção católica) ou o sinal (concepção protestante) oferecido ao mundo. Testemunho comum (Que sejam um, nº 98-99, a fim de que o mundo creia Jo. 17, 21).

### Evangelii Nuntiandi (1975)

Depois de sínodo dos bispos, Paulo VI redige Evangelii Nuntiandi para sublinhar os passos dados no pensamento católico desde o Vaticano II em matéria de evangelização. O Papa disse que o ministério da Igreja não deve limitar-se às dimensões da vida econômica, política ou cultural. A evangelização comporta uma mensagem explícita adaptada às **diversas situações**, constantemente atualizada sobre os direitos e deveres de toda pessoa, sobre a vida familiar sem a qual a realização pessoal é muito difícil, sobre a vida em comum na sociedade, a vida internacional, sobre a paz, a justiça, o desenvolvimento; uma mensagem particularmente vigorosa de nossos dias sobre a **libertação**. Anunciar a

libertação de milhões de seres humanos, ajudar a que surja esta libertação, dar testemunho em seu favor, fazer com que seja total, tudo isso não é estranho à evangelização; daí a criação de centros de promoção feminina, de centros de formação agrícola, etc.

Toda a Igreja, universal e local, **todos os batizados são portadores da Boa Nova.** e não somente alguns agentes especializados; O Espírito Santo é potência criadora na missão” (Conferência missionária do COE de Santo Antonio, Texas, 1989) “protagonista da missão” (Encíclica Redemptoris missio de João Paulo II, 1990, cap. III) numa óptica de partilhar com os que mais sofrem, de diálogo com os adeptos das outras religiões. O mandamento do amor exige que ajudemos o próximo que sofre, está oprimido ou é necessitado. A evangelização tem um vínculo profundo com a promoção humana, baseada, ao mesmo tempo, numa visão do homem e de Deus.

## 2. A missão num contexto de pobreza

Seria necessário dar a volta ao mundo para ver como os missionários são confrontados com o problema da pobreza. Em alguns países de África, tem-se até mesmo a impressão de que alguns missionários se ocuparam somente dos pobres. Uma reflexão vai ser feita no mundo para melhor **unir a evangelização e a luta contra a pobreza e a opressão.** Sublinho três textos, um elaborado na África e os outros dois na América latina.

### Medellín (26 agosto-09 setembro 1968)

No Concílio Vaticano II, alguns bispos brasileiros, agrupados em torno a Dom Helder Câmara já fazem ouvir a voz dos pobres. Alguns anos depois, a conferência geral do episcopado latino-americano (CELAM) assume por tarefa, preparar ativamente a aplicação do Vaticano II em seu território. Para isso, é ajudada pela encíclica *Populorum Progressio* de Paulo VI (sobre o **desenvolvimento** dos povos, 26 de março de 1967): o desenvolvimento é o “novo nome da paz”, nos diz Paulo VI. É quase um “concílio sul-americano» que Paulo VI abre, recusando a violência, mas reclamando uma abertura ante os problemas sociais e políticos. A Igreja deve ser serva e pobre.

Esta conferência analisa fatos, faz um apelo doutrinal e tira as conseqüências para a ação pastoral. O olhar que esta conferência episcopal lança sobre as realidades do continente sul-americano vai inspirar o método das teologias da libertação e produzir uma literatura abundante sobre alguns destes temas. Impor valores e referências estrangeiras constituiria uma nova e grave **alienação.** Os bispos já não querem aceitar, em sua situação de país em vias de desenvolvimento, os gastos relacionados com a corrida armamentista, a burocracia excessiva, os gastos suntuosos e cheios de ostentação, os desmandos da administração pública. É preciso **acabar com a separação entre fé e vida,** pois a única coisa que conta em Jesus Cristo é “a fé que age pela caridade” (Gal. 5, 6). Por vocação, a América



latina quer sua libertação a todo custo. Há uma verdadeira frustração de aspirações legítimas que está na origem do clima de angústia coletiva vivido nesse subcontinente onde há fome e sede de justiça. A América Latina tem a vocação de unificar, em uma síntese nova e genial, o antigo e o moderno, o espiritual e o temporal, a contribuição dos demais, o que constitui sua própria especificidade. E isto não para voltar-se sobre si mesma, mas para **abrir-se** ao resto do mundo, dando e recebendo na solidariedade.

Os bispos lembram que na **história da salvação, a obra divina é uma ação de libertação integral e de promoção do homem em todas as suas dimensões, com o amor como único motivo**. O homem foi criado em Jesus Cristo (Ef. 2, 10), chamado a ser nele “uma nova criatura” (2 Cor. 5, 17). Na busca da salvação, devemos evitar o dualismo que separa tarefas temporais e santificação. No contexto de pobreza, inclusive de miséria em que vive a maioria do povo latino-americano, os bispos, sacerdotes e religiosos dispõem do necessário para viver e gozar de certa segurança, enquanto os pobres carecem do necessário e se debatem entre angústias e incertezas. Os pobres ressentem-se de que seus pastores não se identificam com eles, com seus problemas e suas angústias, e que nem sempre apóiam aqueles que trabalham com eles ou pedem sua ajuda. Ora, Cristo viveu na pobreza: de rico que era, se fez pobre. Não basta, pois, anunciar passivamente o Evangelho aos pobres, estar com eles; é preciso também **denunciar** a injustiça e a opressão, as raízes e as estruturas de pobreza, e **organizar o combate** cristão contra a situação intolerável que é freqüentemente a do pobre. A dificuldade está em realizar isso no diálogo imprescindível com os grupos responsáveis por uma tal situação para levá-los a descobrir suas obrigações.

### Dar es-Salaam (1976)

Trata-se do manifesto de Dar es-Salaam, produto do encontro de 5 a 12 de agosto de 1976, com a conferência fundadora da Associação de teólogos do Terceiro mundo (EATWOT: Ecumenical Association of Thirde Worlde Theologians). Estes teólogos inauguraram uma série de importantes reuniões, fizeram aparecer ao mesmo tempo o que une e o que divide as **teologias contextuais**. Concordam com o projeto de liberar-se dos esquemas impostos pelo passado e por uma cultura estrangeira. Mas têm concepções diferentes e métodos diversos para chegar a isso. Com efeito, na Ásia, na América Latina, na África e na Oceania, os cristãos são convidados a pensar, a dizer e a viver a verdade evangélica em função de um contexto religioso, social e político cada vez mais diferente.

Todas estas teologias se encontram unidas por um **discurso violento que denuncia o Ocidente, o capitalismo, a exploração, a opressão**. Assim, realçam o testemunho do zelo e da abnegação dos missionários, mas explicam também como muitos missionários não

puderam evitar as ambigüidades históricas de sua situação. Foram contaminados pelos projetos dos pesquisadores de ouro, de terras, de escravos e de colônias. Zelosos pelas almas, tinham tendência a pensar que a expansão comercial e militar dos povos ocidentais era uma ocasião providencial para a salvação das almas e a difusão da mensagem evangélica. Os missionários transplantavam as instituições euro-americanas para o interior do quadro de segurança da dominação imperialista. Assim, os novos cristãos ficavam separados de seus semelhantes, desenraizados de sua herança tradicional religiosa, cultural, e de seu modo de vida comunitária. É preciso pensar aqui nos bairros e povos cristãos. Esta maneira de agir reforçava a atuação dos missionários sobre os novos crentes. O Evangelho era utilizado como meio de diminuir a resistência nacional à pilhagem dos estrangeiros, e para domesticar os espíritos e as culturas dos convertidos dominados. Esta passividade dos cristãos vai prosseguir depois das independências, diante dos novos dirigentes. Os cristãos não participavam da política, nem investiam verdadeiramente no desenvolvimento, na economia: têm medo de “perder sua alma”. Por outra parte, são incentivados a se engajarem na educação e na saúde, quase como os religiosos e as religiosas.

#### Puebla (1979)

A conferencia de Puebla prolonga as perspectivas de Medellín: purifica o conceito de “pobreza” e afirma **“a opção preferencial pelos pobres”**. Diz como vê o presente e o futuro da evangelização e propõe construir uma civilização do amor, enraizada no apelo à esperança e sobre perspectivas mais cristãs e humanas. Certamente, o serviço aos “Irmãos pobres” continua sendo preponderante, mas o que é novo, é isto: são os pobres que, por sua presença e seu testemunho, evangelizam a Igreja (considerada como rica). De repente o **conceito da missão** Ad Gentes se amplia: a própria Igreja é evangelizada pelos pobres, os mesmos a quem deve encontrar. Todos são convidados a **identificar-se com Cristo pobre e aos pobres**. Com efeito, as riquezas se acumulam nas mãos de uma minoria, com frequência às custas da pobreza de muitos. Os pobres não carecem somente de bens materiais; no plano da dignidade humana estão também privados de toda **participação** social e política (cf. índios, camponeses, operários, marginalizados das cidades, sem esquecer a mulher cuja condição, nestes setores sociais, é duplamente de opressão e de a marginalização).

Em **solidariedade com as outras Igrejas**, os bispos latino-americanos querem unir suas forças às dos homens de boa vontade para extirpar a pobreza e instaurar um mundo mais justo e fraterno. Os bispos recordam que os pobres merecem uma atenção prioritária, qualquer que seja sua situação moral e individual. Feitos à imagem e semelhança de Deus (Gen 1, 26-28) para ser sus Filhos, seus rostos estão marcados pela tristeza, até mesmo pelas humilhações. **Por isso Deus os ama e assume sua defesa**. Eis por que os pobres são os

primeiros destinatários da missão e sua evangelização é por excelência o sinal da missão de Jesus (Lc. 7, 21-23). Jesus soube falar ao coração dos pobres, libertá-los do pecado, abrir seus olhos a um horizonte de luz e enchê-los de alegria e de esperança (Lc. 4, 16-21).

### 3. O problema da inculturação

#### Liturgia no Zaire

A partir dos anos 1980, as liturgias “**inculturadas**” se impõem timidamente; dá-se atenção à dança, à decoração, aos símbolos africanos. Durante estas liturgias faz-se uso das línguas indígenas, dos instrumentos tradicionais de música, dos símbolos e dos ritos dos diferentes povos, da dança, sobretudo na África...

#### O pacto de sangue na consagração religiosa

Palavras do bispo às religiosas: “Hoje ireis consagrar-vos a Deus. Sabeis muito bem o que comporta a consagração da alma a Deus na vida religiosa. Por um lado, aceitastes livremente renunciar ao amor humano do matrimônio, por outro, fazeis a oferenda de toda a vossa vida a Deus e pertenceis definitivamente a Cristo na caridade para o serviço de sua Igreja. Por essa razão, ides oferecer agora, uma gota de vosso sangue, sobre uma toalha branca. Esta toalha manchada com vosso sangue puro será colocada ao lado da pedra do altar e estará definitivamente aí, para simbolizar a oferenda cotidiana de vossa vida a serviço da glória de Deus, nosso Pai e dos homens nossos Irmãos. No momento da comunhão, Cristo vos dará seu Sangue santíssimo e puríssimo a beber. Assim fica concluído o pacto de amizade entre vós e Cristo. Que Deus vos conceda a graça de permanecer fiéis a esta amizade por toda a vossa vida! Amem”.

(Cf. Igreja na África, n° 59).

#### Os antepassados e a fé cristã (1985)

Jean-Marc Ela, que trabalhou como padre no norte de Camarões onde os pequenos camponeses foram sistematicamente privados de seus **meios de subsistência**, refletiu sobre a **inculturação** e pensa que o que questiona hoje não é somente o cristianismo ocidental imposto pela missão de ontem, é também a integração do Evangelho numa sociedade que se estrutura na **pobreza e na opressão**. Explica a urgência de levar a sério a questão dos **antepassados** na África, se é verdade que a fé não se impõe como uma lei, mas assume com discernimento todas as marcas de uma cultura. Como fazer para que na África negra, a Igreja possa chegar a ser um lugar onde a comunhão com os antepassados seja possível? Pensa-se geralmente na África que os antepassados são os primeiros a quem Deus comunicou sua **força vital**. Jean-Marc Ela pensa que em várias sociedades tradicionais, o culto dos mortos seja talvez o aspecto da cultura ao qual o Africano se sente mais apegado: valor do nome e do novo nome dado no transcurso da **iniciação**, a estátua, a máscara, o simbolismo, a família, o desejo de uma descendência, a visão global do homem e da sociedade, a vida de **relação**

**entre os vivos e os mortos.** Os mortos fazem parte da família; como viver em Cristo a relação com os mortos?

Em 1969, elaborou-se um projeto de “Rito zaireano da missa” e depois de dez anos de experiência, enviou-se um dossiê a Roma. Depois de longas conversas com a congregação romana do culto divino, de retoques e modificações de textos, aprovou-se o rito a 30 de abril de 1988, com modificação do título: “**Missal romano para as dioceses do Zaire**”. Entre os elementos verdadeiramente africanos, é preciso notar a invocação aos Santos e aos Antepassados no início da celebração, o canto de louvor dançado em torno ao altar, o rito penitencial, com ou sem aspersão de água benta, depois da homilia e a profissão de fé, seguidos da saudação mútua de paz. No fim, há o prefácio e o cânon dialogados.

Algumas celebrações eucarísticas inculturadas têm sido tentadas, principalmente no Quênia, tendo como base uma oração kikuyu, em Malawi, valorizando **o rito inicial**; no Congo (antigo Zaire) com a profissão de fé cristã elaborada em língua luba. Outras celebrações também são tentadas, com algumas passagens inculturadas da eucaristia ou relacionadas com a morte: funerais, missa pelos defuntos, comemoração dos santos, dos fiéis defuntos, Sexta-Feira Santa... Tem havido igualmente **tentativas de iniciações cristãs**, principalmente entre os Mossi e os Bobo do Burkina Faso, e entre os Bwa do Mali, baseando-se no esquema de acolhida dos hóspedes numa família, mesclado com elementos de iniciações tradicionais, em relação com a Páscoa. Eu havia esquecido o engajamento das comunidades dos povoados com relação à Evangelização dos povos vizinhos (cf. O exemplo de alguns povos da diocese de San em Mali). Mas há ainda um enorme trabalho a fazer.

#### Inculturação para Ásia

A inculturação na Ásia pode considerar-se como uma tática da última chance para o cristianismo. Seu fracasso veio, ao que parece, porque ninguém ousou romper o vaso greco-romano no qual sua existência estava confinada há quatro séculos. Os não cristãos manifestam, pois com relação a todo movimento de inculturação uma **desconfiança** semelhante ao ceticismo de certo número de teólogos. Alguns pensam que o que se chama indigenização é mais uma manobra tática do que um **assumir respeitoso** e **admirativo** dos valores indígenas; o que não passaria de uma **camuflagem**. De fato, há anos fala-se em inculturação, mas há dificuldade para passar à prática.

#### Salvador da Bahia (1996)

Depois de outras muitas conferências missionárias mundiais (Bangkok, Melbourne, Santo Antonio), a conferência de Salvador da Bahia retoma o problema do Evangelho nas diversas culturas e religiões. Explicita-se que a religião é um elemento desta cultura, central em muitos casos, e **que não é possível, separar religião e cultura** como as sociedades ocidentais têm tendência a fazê-lo. O valor de cada cultura está afirmado no

plano de Deus bem como a presença de Deus no seio de cada cultura. Mas há também uma **ambigüidade fundamental** que marca cada cultura; são necessários, portanto, critérios de reconhecimento mútuo de Igrejas que dão testemunho em culturas diferentes.

O fato de levar a sério a vida das comunidades de base, a meditação do Evangelho que leva a mudar a realidade e a análise da situação sócio-política tornam-se aspectos importantes da evangelização.

#### **4. A missão exposta ao risco do diálogo e da crítica**

##### Nostra Aetate (1965)

Durante muito tempo, a Igreja católica rejeitava e condenava as religiões. O Concílio Vaticano II vai reorientar e reestruturar num sentido positivo as **relações** entre o cristianismo e as outras religiões. A declaração Nostra aetate (28 outubro 1965) representa este giro oficial. A criação do secretariado para os não cristãos dá testemunho disso. A Igreja católica admite tudo **o que é bom, verdadeiro e santo** nas outras crenças e as considera como uma preparação ao Evangelho. O islã e o judaísmo requerem uma atenção totalmente especial.

##### O decálogo do diálogo (1992)

Hoje, o diálogo está no centro de todos os aspectos da evangelização. Poder-se-ia citar aqui os **quatro critérios de discernimento necessários a todo diálogo** autêntico (cf. Maurice Pivot, Um novo sopro para a missão, pp. 36-37): transformação recíproca dos parceiros do diálogo; vínculo necessário entre a relação com a verdade e a partilha recíproca; surgimento e duração; dimensão institucional.

Jean-Claude Basset sentiu a necessidade de examinar mais de perto os valores espirituais, diferentes dos nossos, que alguns crentes vivem há séculos, até mesmo milênios. **O diálogo é um desafio**, um conjunto de **mandamentos** como no Êxodo 20 (cf. Klauspeter Blaser, Referências para a missão cristã, Cerf/Labor et Fides, 2000, p. 356 ; cf. "Revelar Deus pelo diálogo");

Eu sou o Senhor teu Deus que te fez sair da segurança e da servidão das crenças e práticas religiosas.

1. Não me oporás outros deuses, pois não há mais que uma realidade suprema para dar um sentido ao mundo e à tua vida.
2. Não te farás nenhuma representação do divino; não tomarás por Deus nenhuma imagem, nenhum conceito e nada considerarás como absoluto neste mundo, pois Deus não suporta nenhuma comparação.

3. Não pronunciarás o nome do Senhor teu Deus em vão, mas respeitarás este nome qualquer que ele seja, pois é o acesso à minha transcendência.
4. Dedicarás um tempo a recordar o mistério do mundo. Deixarás de lado tuas preocupações, tuas atividades e teus compromissos para estar em comunhão com a natureza e com a humanidade.
5. Honra teu pai e a tua mãe na fé e respeita a herança que te transmitiram; com isto podes obter o sentido e a plenitude de tua vida.
6. Não atentarás contra a vida nem contra a fé do próximo por tua violência, teu desprezo ou tua ignorância.
7. Não cederás à confusão nem às pressões de grupos diferentes ,criando-te uma religião adaptada à tua conveniência.
8. Não te apoderarás das pessoas nem dos bens das outras comunidades.
9. No levantarás falso testemunho contra teu próximo denegrindo sua fé e suas práticas.
10. Não cobiçarás a família religiosa de teu próximo nem o que lhe pertence.

Poderíamos continuar a reflexão, principalmente sobre os mecanismos psicológicos, religiosos e históricos mediante os quais a obra missionária acaba sendo associada à dominação colonial, meio sutil para recusar converter-se. Poderíamos refletir também sobre as perdas e ganhos simbólicos e materiais que estimulariam a partilha dos idiomas religiosos ancestrais contra os dos vencedores. E existe a grande pergunta: propor o Evangelho, em que é um ato gratuito, ato de puro amor? Em que uma conversão é verdadeiramente a acolhida sincera e “desinteressada” de Jesus Cristo?

*Conclusão:* A missão no mundo um desafio ecumênico

Gostaria de concluir, citando rápida e simplesmente três passagens da Missão do Cristo Redentor, nº 77 c. VII. “Membros da Igreja por força do batismo, todos os cristãos são co-responsáveis pela atividade missionária. A participação das comunidades e dos indivíduos cristãos neste direito-dever, é chamada “cooperação missionária”. Tal **cooperação** se fundamenta e se vive, antes de tudo, mediante a união pessoal com Cristo: só quando se está unido a Ele como o sarmento à vinha (Jo. 15, 5) pode-se produzir bons frutos.

A participação na missão **universal** não se reduz, pois, a algumas atividades particulares, mas é sinal da maturidade da fé e de uma vida cristã que produz frutos. Desta maneira o crente amplia os limites de sua caridade, manifestando a **solicitude** por quem está longe e por quem está perto: reza pelas missões e pelas vocações missionárias, ajuda aos missionários, continua suas atividades com interesse, e quando retornam, acolhe-os com aquela alegria com que as primeiras comunidades cristãs escutavam os Apóstolos descreverem as maravilhas que Deus havia operado mediante sua pregação (cf. Ac 14, 27).

Evangelizar os povos é **propor-lhes** a Boa Nova, Jesus Cristo, mediante o diálogo...

### Elementos bibliográficos

- João Paulo II, Redemptoris missio, 1990
- Maurice Pivot, Um novo sopro para a missão. Prefácio de Joseph Doré, Paris, Éd. de l'Atelier, 2000.
- Klauspeter Blaser, Referências para a missão cristã. Cinco séculos de tradição missionária. Perspectivas ecumênicas. Paris, Genève, Cerf/Labor e Fides (AFOM), 2000.
- Dennis Gira, Além da tolerância. O encontro das religiões, Paris, Bayarde Éditions, 2001.
- Abel Pasquier, Morrer para viver. Os ritos de passagem e a fé cristã hoje. Paris, Éditions de l'Atelier, 2001.

Sr. Pierre Diarra, OPM - Cooperação missionária

### Atualidade das Províncias

*Província da África Central*

## ***Inauguração da Casa Provincial***

## **29 de novembro de 2002: um tempo de graça**

Háviamos desejado por longo tempo viver este dia, e como “a Deus tudo é possível” e “a paciência tudo alcança”, recebemos a graça de integrar as construções da Casa Provincial Nossa Senhora da Medalha Milagrosa e o Centro Social São Vicente de Paulo, nesta data de 29 novembro de 2002, data inesquecível nos corações do povo da localidade e das

Filhas da Caridade presentes neste feliz acontecimento.

A presença de Notre Mère Joana Elizondo e de Irmã Wivine Kisu, Conselheira Geral, completou nossa alegria. Notre Mère e a Conselheira já se encontravam entre nós há quatro dias, escutando-nos e reconfortando-nos, fortalecendo-nos em nosso carisma ao serviço de Cristo nos Pobres. O encontro pessoal com nossas duas superiores foi um privilégio. Elas, inclusive, puderam fazer uma pequena visita às Irmãs do Seminário e às postulantes, que estão a duas horas e meia de carro, da Casa Provincial.

### **Cerimônias de inauguração**

As cerimônias começaram com a bênção da Capela, seguida de uma Eucaristia festiva, presidida pelo Vigário Geral, Monsenhor Havugimana André, delegado pelo Arcebispo de Kigali que nesta data estava viajando. Concelebraram a Eucaristia nosso Diretor Provincial, Padre Felon Castilho, o Vigário de nossa Paróquia de Kicukiro, o Padre Jean Bosco, o Padre Jean Baptiste Mendiondo, Vigário da Paróquia de Mukungu, dois padres Missionários de Nossa Senhora da África e o Padre Dion, responsável do Bureau Social Urbano de Kigali. Nesta celebração, estavam presentes nossos vizinhos e os Pobres. Havia um bom número de Filhas da Caridade que puderam ser substituídas em seu serviço para vir a esta festa. Estavam também presentes o construtor, o engenheiro e alguns operários que trabalharam na construção dos edifícios.

Em suas palavras de introdução e em sua homilia, o Vigário Geral agradeceu ao Senhor pelo presente que fez à Igreja de Ruanda, à população de Kicukiro e aos pobres que serão servidos pelas Irmãs. Lembrou-nos a exigência de nosso carisma e como Deus quer servir-se



de nós para manifestar seu amor e sua ternura aos pobres e aos pequenos. Exortou-nos a permanecer “vigilantes para que nenhuma miséria nos escape, e a fazer que a Capela seja o lugar aonde todos que o desejarem possam vir depositar seu fardo aos pés do Senhor...”

Após a Eucaristia, Monsenhor o Vigário Geral e nosso Diretor Provincial procederam à bênção das dependências da Casa Provincial e do Centro Social São Vicente de Paulo.

As cerimônias religiosas foram seguidas de um almoço fraterno, onde foi possível saciar a fome. Os pobres ficaram encantados e diziam que já haviam esquecido o que significa “saciar a fome”. À tarde, as jovens do Lar Social orientado pela Irmã Estefania Mukampungu (Paróquia Nyamirambo) e os meninos de rua acompanhados por Irmã Béatrice Uwizeyemariya (cidade de Kigali) apresentaram alguns jogos e danças. As Irmãs do Seminário e as postulantes contribuíram para que tudo fosse muito agradável.

### **Intervenção de nossa Visitadora**

No final da tarde, nossa Visitadora, Irmã Sabina Iragui, ressaltou sua alegria com estas palavras do salmo: “Cantai ao Senhor um canto novo, cantai ao Senhor, terra inteira, cantai ao Senhor porque fez maravilhas em nós!”. E continuou nestes termos: “Hoje, nossos corações transbordam de alegria porque o Senhor fez grandes coisas em nosso favor. Todas as Filhas da Caridade aqui presentes e as que permaneceram em suas missões por causa do serviço dos pobres, experimentam esta grande alegria e eu estou encarregada de manifestá-la em profunda comunhão de sentimentos...”.

Em seu impulso de gratidão, agradeceu ao Senhor que nos ajudou a levar adiante as obras da Casa Provincial. Segundo ela, “ter uma Casa Provincial era um sonho que se faz realidade, pois agora estamos em “nossa casa”.

Em segundo lugar, agradeceu a Notre Mère Joana Elizondo pelo que ela é para nossa Província, por “sua proximidade e seu apoio em todo momento”. Em várias ocasiões, Notre Mère esteve aqui para partilhar conosco os sofrimentos dos momentos difíceis da guerra que Ruanda acaba de atravessar. “Sua presença, acompanhada de Irmã Wivine, é para nós o maior presente de sua delicadeza. O Senhor, que conhece nossas vidas melhor do que nós, será sua recompensa”.

Em seguida, fez um pequeno parênteses para recordar as datas importantes da Província desde os começos, em 1971 em Burundi e em 1973 em Ruanda. Hoje, a Província conta com 7 casas em Ruanda e 2 em Burundi com 26 Irmãs nativas, 4 delas no Seminário; 22 Irmãs missionárias; 3 postulantes e 5 pré-postulantes.

Expressou seu reconhecimento ao Dr. Philippe Gasháija, construtor, ao Dr. Raphaél Nkusi, engenheiro, e a todos os operários que “realizaram com grande experiência os trabalhos da construção”. Não esqueceu a Irmã Maria Pilar López, Filha da Caridade, que idealizou os planos da Casa e pôs todo o seu empenho para que todas as dependências fossem bem construídas e funcionais. Recordou o porquê da escolha do dia 29 de novembro, fazendo brevemente alusão à história da Companhia. Nossa Visitadora terminou sua intervenção com estas belas palavras: “Que a Virgem Milagrosa que, um dia, disse a Santa Catarina Labouré: “amo a Comunidade”, nos guarde com seu amor maternal, a fim de que cumpramos a Missão de servir e ser testemunhas do amor e da ternura de Cristo para os pobres, seus preferidos. »

### **Intervenção de Notre Mère**

Notre Mère nos manifestou sua alegria de encontrar-se entre nós e nos explicitou o papel e a responsabilidade de nossa Casa Provincial:

Minhas queridas Irmãs,

Vim várias vezes a esta Província de Burundi-Ruanda (então Região), mas quase sempre minhas visitas foram motivadas por razões trágicas e desagradáveis. Hoje, pelo contrário, é um acontecimento feliz o que nos traz, Irmã Wivine e eu: a inauguração da tão desejada Casa Provincial. Apesar das dificuldades encontradas para a compra do terreno e a obtenção das diversas autorizações necessárias para a construção, graças à sua tenacidade, chegaram a ter esta casa funcional, simples e bela.

É verdade que a importância de uma Província de Filhas da Caridade provém mais da qualidade e da autenticidade de seus membros que de seus edifícios. Mas necessitamos de algumas estruturas, embora simples e modestas, para viver e para melhor servir os pobres. Além disso, todas as nossas casas são verdadeiros templos de Deus. O Senhor está presente nelas de três maneiras: no Sacrário, na Comunidade fraterna onde as Irmãs estão reunidas em seu nome, portanto com a segurança de sua presença, e nos pobres que aqui são acolhidos e servidos.

Entre todas as casas da Província, a Casa Provincial tem um significado especial. É, antes de tudo, a casa de todas e de cada uma das Filhas da Caridade. É a casa de família. Foi São Vicente mesmo, quem o disse as Irmãs numa conferência: “a casa que deveis olhar e amar como a de vossa família” (Conferência de 19 Julho 1640). É a casa onde podem vir para encontrar nela o que vos é necessário nas diversas circunstâncias da vida, sejam agradáveis ou desagradáveis.

A Casa Provincial tem três missões importantes a desempenhar:

- a acolhida das Irmãs

- a construção da unidade na Província
- a transmissão do Espírito servindo de modelo para as outras casas.

- A acolhida. Deve ser de qualidade, de maneira que cada uma de vocês se encontre à vontade e em casa, aqui. Podem encontrar nela o descanso nos momentos de fadiga, um clima apropriado para um tempo de reflexão e de oração mais intensa de vez em quando, os Conselhos e orientações que exigem certas situações difíceis, o apoio e o consolo nos momentos dolorosos que possam surgir em toda vida. Em várias de suas cartas, santa Luísa convida nossas primeiras Irmãs a “passar em casa” com o fim de poder falar mais longamente com ela, sobretudo quando via que a Irmã atravessava um momento difícil. Claro, não são os muros da casa que fazem a acolhida, é a comunidade que aqui reside que recebe esta bela missão. Às vezes, as Irmãs têm dificuldade para aceitar sua colocação nas Casas Provinciais porque têm a impressão de estar longe dos pobres. Esta casa, como todas as da Província, só tem sua razão de ser em função do serviço dos pobres. Tudo o que existe e se faz na Companhia não tem outra justificação que o serviço aos pobres. Não esqueçamos que todo gesto de uma Filha da Caridade está a serviço dos pobres. Além disso, nesta casa, haverá um serviço de pobres concreto e real. Cabe a vocês levá-lo a cabo com as qualidades pedidas por nossos Fundadores: boa acolhida, escuta, respeito, cordialidade, alegria, etc.... Estão vocês obrigadas a ter muros e estruturas de proteção em sua casa, mas façam de maneira que isso não seja jamais um obstáculo para a boa acolhida das pessoas que se aproximam de sua porta.

- A construção da unidade na Província. A Casa Provincial é um ponto de encontro. Vocês se encontram com freqüência aqui para partilhar seus pensamentos. Aqui, com efeito, dão-se os retiros, os encontros de reflexão, de formação, algumas festas de família. Tudo isto contribui para a união na Província, bem como a criação de uma mentalidade e um Espírito comum apesar das diversidades de toda sorte: país, língua, formação, idade, etc... que exigem respeito.

- Modelo para as outras casas. Podemos aplicar à Casa Provincial o que São Vicente dizia da “Casa Principal”, isto é, da casa onde residia a Superiora. Queria que fosse modelo para todas as demais: “...É esta casa que deve dar exemplo a todas as outras de tudo que deve ser feito. Se isso não acontece, como querias que as Irmãs colocadas nas Obras, saibam o que são obrigadas a fazer, se não virem a prática?” (Conferência de 8 de setembro de 1657).

Na conferência seguinte, será ainda mais explícito: “...deveis vir de vez em quando para saber o que aqui se faz (na Casa Principal)... para que observeis e trateis de pôr em prática... Basta saber que tal coisa se faz na nossa Casa para que a observeis, porque ela deve ser Espírito e

vida para animar todas as outras... e é por esta razão que as Irmãs daqui devem ter uma grande perfeição. Seria necessário serem anjos caso isso fosse possível, porque vêm-se obrigadas a guiar e dar exemplo às que não gozam desta felicidade". (cf. Conferência de 15 de novembro de 1657).

Embora, hoje, a uniformidade da época de nossos Fundadores não exista mais, estes ensinamentos continuam sendo válidos. É preciso aproveitar tudo o que nos une em nome do Senhor para melhor servi-lo em seus membros sofredores.

Que Deus bendiga esta casa, que aqui ele reine e seja sempre honrado em sua presença real no sacrário, na comunidade fraterna reunida em seu nome e nos pobres a que vocês terão a alegria e a honra de servir".

A festa prolongou-se até à noite e aqueles que podiam executavam algumas danças para expressar sua alegria transbordante naquele dia inesquecível de 29 de novembro de 2002.

Irmã Christine NDAYISENGA  
*Correspondente dos Ecos*  
*Atualidade das Províncias*

*Província da Hungria*

## ***Celebração dos 150 anos da Província***

(1852-2002)

*Correspondente dos Ecos*

Uma alegria partilhada é uma alegria que se multiplica. Por isso queremos comunicar-lhes a nossa. No dia **27 de novembro de 2002**, na festa da Medalha Milagrosa, celebramos o aniversário da chegada das primeiras Filhas da Caridade a Hungria.

A condessa Franziska Széchenyi possuía uma grande propriedade em Pinkafeld. Além

das ocupações habituais exigidas por seu cargo, ocupava-se dos pobres, cuidava dos doentes e era uma boa mãe para numerosos órfãos. Seu esposo, o conde Miklós Batthyanyi era também uma pessoa de grande coração, disposto a prestar serviço aonde podia. O casal perdeu muito cedo sua única Filha, ainda criança. Mais tarde, a condessa perdeu também o seu esposo. A fé foi seu consolo e sua força. A partir desse momento, entregou-se ainda mais ao serviço das pessoas que sofriam.

Como o trabalho aumentava, Franziska pediu ajuda à condessa Leopoldina Brandis, então Superiora das Filhas da Caridade de Graz, que lhe deu Irmãs. Na época, Pinkafeld pertencia à Hungria. No ano de 1852 as primeiras Irmãs chegaram. No início, atendiam aos enfermos, depois, mais tarde, se comprometeram com diversos serviços sociais.

A condessa coroou sua vida de sacrifícios com sua entrada na Companhia. Foi a primeira Filha da Caridade húngara. Logo, um outro apelo se fez ouvir no país : o de uma creche em Budapest. As mães pobres, obrigadas a trabalhar da manhã à noite, não podiam ocupar-se de seus filhos. Para assegurar uma continuidade na ajuda, pois as crianças iam crescendo, abriu-se um jardim de infância e uma escola. Assim a Companhia se foi estendendo cada vez mais.

O bispo de Veszprém, Johann Ranolder, fundou seis escolas e dois institutos para a formação das professoras. Nossas Irmãs também foram formadas ali. Um pouco mais tarde, foi-lhes confiada uma casa de detenção para mulheres. As presas se ocupavam em diversas atividades. Naquela época, um bispo escreveu: “Entraram como criminosas e morreram como santas”.

O aumento de Irmãs foi tão extraordinário que em 1905 erigiu-se a Província da Hungria. Em 1948, 1430 Irmãs, distribuídas em 96 casas, serviam aos pobres e se ocupavam de 170 obras.

No mesmo ano, isto é, em 1948, as instituições religiosas foram estatizadas. Dois anos mais tarde, em 1950, vimos-nos obrigadas a deixar tudo. Da noite para o dia ficamos sem casa, sem pátria, sem trabalho e, além disso, com freqüência, vítimas de perseguições. Vimos-nos obrigadas a voltar ao mundo e permanecer ali durante largos anos. Mas, o Senhor nunca nos abandonou. Buscamos a possibilidade de ter cada dia a missa e a comunhão. Graças a elas tivemos força e valor. Graças a elas permanecemos fiéis a Deus, à Igreja, ao Espírito de nossos santos Fundadores.

Em 1990, após 40 anos de exílio, os sinos voltaram a soar. Em 1992, retomamos posse de nossa Casa Provincial e tivemos a alegria de poder enviar em missão três Irmãs do Seminário. Seis obras nos foram restituídas: um jardim da infância, uma escola primária, um lar para jovens, outro para pessoas idosas, uma casa situada ao lado de um hospital e a Casa Provincial. Somos atualmente cerca de 140 Irmãs.

Por uma Eucaristia festiva, agradecemos a Deus por todas as graças que recebemos durante estes cinqüenta anos. Não podíamos deixar de agradecer a nossa Mãe celestial por sua proteção e seu amor maternal de todos os instantes. Pedimos vocações ao Senhor para que nosso serviço possa continuar, assim, transmitir a chama do amor. Convidamo-las a cantar conosco o Magnificat.

*Correspondente dos Ecos*